A seus paes:
Snr. José Coutinho de Carvalho
e
D. Amelia Mascarenhas de Lima

a seus idolatrados irmãos:
José de Lima Coutinho,
Maria da C. Coutinho de Lima,
Irene Coutinho de Lima,
Hilda Coutinho de Lima, qu
são a alma destes seus "Bosq
jos", a fonte onde foi haurir
os seus melhores versos, si é qu
entre maus versos póde ha-
ver comparações, dedica

O Auctor

Anteloquio

Escrevi estes versos sem pretenções a artista, porque, antes que tudo falemos verdade, nunca me preoccupei com arte. Fil-os apenas para obedecer a instinctivos impulsos do coração, manifestações internas cuja necessidade de exterisizar-se era evidente pela frequencia e constante figuração na mente. Si escrevi asneiras perdôe-me o leitor benigno e si, ao contrario, fiz alguma coisa digna de apreço, já me dou por satisfeito.

Acerca de poesia tenho a minha opinião particular. Sou mais enthusiasta pela poesia espontanea do que esta que se faz por este mundo afóra, à custa de uma arte que muito se afasta da naturalidade e sobretudo da tão recommendada simplicidade

A simplicidade é um requisito da arte.
A poesia sendo um producto da emoção ou melhor a linguagem do sentimento, deve ser simples como a mesma linguagem, que, propriamente, foi instituida da fala que os homens trans mittissem mutuamente suas impressões e se comprehendessem.
Nada de phrases alambicadas, de affectação nos termos. Sejam estes proprios, claros e fixos é o que se exige. Em minhas composições poeticas ha uma certa fixidade, quer no numero de syllabas componentes do verso, quer com respeito ás expressões, isto se nota principalmente em as que dediquei a meus paes e irmãos. Escrevo o que sinto, por isso disse acima que obedeço mais á voz do coração do

que aos preceitos e regras da arte. O sentimento é que fornece à arte o meio de subsistir; aquelle, permittam-me a comparação, é uma das nossas aldeãs bellas, pudibundas em sua simplicidade e lhaneza, forte e sadia ao passo que a arte é destas "coquettes" da cidade que tem todos os movimentos estudados, desenvoltas, sempre promptas a dar o braço ao primeiro que se lhes approxima. Si se puder conciliar um e outra, tem-se a poesia em sua forma mais perfeita. Quiz-me fazer entendido por todos e si attingi o alvo que visei já me julgo compensado.

O Auctor

Não vivem muito as flores: são meus versos
Ephemeros como ellas; com seu brilho,
Ou perfume apagado,
Ou trino fraco d'ave matutina
Ou echo de um baixel que passa ao longe
Com descante saudoso.

G. Dias.

Meu livro

Meu pobre livro, si em teu giro achares
Quem te despreze e ao pó do esquecimento
Votar-te queira, qual phalena ao vento
Dilata as azas pelos vastos ares.

Procura outros vergeis, outros palmares,
Onde possas voar a teu contento.
Não deixes escapar um só lamento,
Que só mofa acharás a teus prezares.

Si os homens todos um modesto abrigo
Te recusarem dar, as azas bate
E vem ter outra vez aqui commigo.

Não mais te deixarei vagar no espaço,
Prodigo filho, que cahiste ao embate
Da sorte, dorme agóra em meu regaço...

Campello-1921-

A meu pae

...Dans les plis de mon
cœur une image cachée...
Lamartine.

Achei-te grande, oh! pae, quando te vi creança
A' borda de meu berço. E me esquecer pudéra,
Si a morte era illusão, a vida uma chimera
A terra um lindo sonho, o mar sempre bonança,

Teu rosto meigo e bello? Uma eterna lembrança
Gravada me ficou. Raiou uma nova era,
Raios de sól cortando um céo de primavéra,
Então vi-te maior! Uma grande mudança

Como se explicaria? É que Teu braço forte
Guiava-me o passo incerto. E vencerá, ousado,
Si não tivéra arrimo, as mutações da sorte?

Vejo-te hoje sublime, oh! meu pae adorado,
Que vae buscar na Biblia e Teus a fé por norte,
O mais excelso exemplo — os do Livro Sagrado.

Niteroy - 1919

Á minha mãe

Es tu, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhã da vida?

Alvares de Azevedo.

Quando partia do tecto amado
E que, apressado,
Me dirigia para a estação,
E tua mão
E os olhos teus
Dizerem adeus
De longe via,
Em mim sentia
Grande oppressão.
Julguei de breve essa emoção
E desde então,
De força armei-me para vencel-a,
Julgando vel-a,
Logo vencida.
Minha partida
Custa-me pouco,
Pensava eu, louco...
Mas não sabia
Que, noite e dia,

Um sentimento me atormentava,
Sempre vivaz.
Agóra vejo que me enganava,
Quando julgava,
Que o sentimento
Dura um momento.
Como a verdade,
Uma saudade,
Tuda que vaga,
Jamais se apaga.
Quando a cabeça p'ra trabeseira
Pendé ligeira,
Sinto-te perto, vejo-te em sonho,
Anjo risonho.

Niteroy-919-

Ser poeta

À mana Santa

Ser poeta é fallar essa linguagem,
Que annuncia o rompel de um arrebol;
É sentir os lamentos da folhagem
Quando a vergasta o ardor de rubro sol.

Ser poeta é tanger a eolia lyra
Desse verbo sublime – a inspiracão;
Ser poeta é ser manta que inspira
Pela patria querida – seu pendão.

Ser poeta é externar os sentimentos
É ter dentro de si um novo mundo;
Ser poeta é ser todo encantamentos;
Ser poeta é viver meditabundo.

Ser poeta é viver por entre as flôres,
Psalmodiando sem ser comprehendido;
Ser poeta é ter vida só de amores;
Ser poeta é passar sem ter vivido.

Ser poeta é olar-se pelo espaço.

Em busca de illusão, de vã chimera,
Ser poeta é fugir do mundo escasso,
É' viver em eterna primavera

Ser poeta é viver immerso em sonho,
No bello, mundo azul da phantasia;
Ser poeta é viver sempre prionho,
É' ter n'alma uma fonte de alegria.

Ser poeta é narrar com singeleza
Toda a gloria immortal do seu pendão,
Ser poeta é cantar a natureza,
É' viver em completa adoração.

Ser poeta é ter vida de phalena,
É' andar sempre á cata de mais luz;
Ser poeta é cantar na frauta amena,
É' viver abraçado á sua cruz.

Ser poeta é viver só do futuro,
Com os olhos volvidos ao passado;
É' ter sempre em sua alma casto e puro

O amor ao Cordeiro Immaculado.

Ser poeta é passar pelos espinhos,
Della existencia toda de incerteza,
Alegre como o são os passarinhos
Ao primeiro accordar da natureza.

Ser poeta é um santo ministerio,
Um outro sacerdote em oração;
Ser poeta é sonhar todo o mysterio
Arcano do senhor da creação.

Ser poeta é ser tudo e nada ser,
É ser servo, ser mestre e ser senhor,
Como um som que se extingue, é fenecer,
É passar como a vida de uma flor.

Niteroy - 1920

Adeus

A minha Irene

Si a brisa serodia e ligeira
Os teus loiros cabellos tocar;
Si um canario no pé da mangueira
Dos seus cantos a voz modular;

Si por noite, alta noite, uma nota
Nos espaços gemer, soluçar;
Si arrojada veloz gaivota
Lava as pennas nas ondas do mar;

Si uma flôr que se ostenta no galho
Para ti o seu caule inclinar;
Si uma conta, uma gotta de orvalho
Uma chispa de sól faz brilhar;

Si um accento de flauta plangente
Dos teus sonhos te vier despertar;
Si a estrella que fulge nitente,
Ás occultas, teus labios beijar;

Si um grupo de alegres creanças
Da igrejinha o caminho tomar:
São saudades, saudades, lembranças,
Que te envio nas azas do ar.

Que este adeus o meu Deus não permitta
Ser p'ra sempre, atros annos durar,
Seja a escola do tempo restricta,
Que nos venhas de novo abraçar.

Campellos -1920-

Solidão

A Sesostris Leal

Eu, mudo, sentado na rocha altaneira,
Que tem encravados os pés sobre o mar,
Ouvia os lamentos de uma onda ligeira,
Que ás praias de areia se vinha abrigar.

Um barco veloz, infunadas as velas,
— Albatroz arrojado lá passa a voar,
A brisa fagueira poluça nas telas,
Meus loiros cabellos vêm logo afagar.

Um canto distante de nauta perdido
Mistura-se, ao longe, ao harpejo do mar:
São notas confusas de amor esquecido,
São velhas feridas que estão a sangrar.

Ás vezes, o dorso das aguas gigante
Um pouco se estende e se torna a curvar,
Um meio inquieto se mostra um instante,
Para novamente sumir-se no mar.

Campello — 1920

Ao J... M...

Ha muita gente no mundo,
Sem querer ser indiscreto,
Sendo fundo nas materias
Tira exames por decreto.

A Elysio Soares

Meu Elysio bravo amigo,
Um conselho vou lhe dar:
Deixe as musas socegadas,
Coitadinhas! já cançadas,
Não as deve importunar.

A mana Doca

Quando vires, querida imanzinha,
Pela tarde a carriça ciscar,
Não te esqueças de mim, eu t'o peço,
Queiras sempre de mim te lembrar.

Quando o sol o seu manto escarlate
Sobre a terra estender, dilatar,
A memoria revoca o exilado,
Queiras sempre de mim te lembrar.

Quando a lua vier na lagôa
O seu bello semblante espelhar,
Quem por ti de saudades se fina
Nunca deixes de sempre lembrar.

Quando o sino da branca igrejinha
Pelos bronzeos pulmões respirar,
Não te esqueças do manta perdido,
Queiras sempre de mim te lembrar

Quando a brisa os teus negros cabellos

Descuidosa, indolente roçar,
Teus scismares a mim me consagres,
Queiras sempre de mim te lembrar.

Quando as aves seu canto ameigarem,
Quando a aurora no céo despontar,
Si então já desperta estiveres,
Queiras sempre de mim te lembrar.

Quando um bando veloz de andorinhas
Em folgado os espaços rasgar,
Á memoria meu nome revoca,
Nella sempre me queiras gravar.

Na alegria de mim não te esqueças;
Não te esqueças de mim no pezar;
Noite ou dia que vida tiveres,
Queiras sempre de mim te lembrar.

A saudade, innocente querida,
Faz em velho creança tornar,
Uma vez mais ainda eu te peço,

14

Queiras sempre de mim te lembrar

Niteroy - 1920 -

O sino

Cange o sino da igrejinha,
Em festivo bimbalhar,
Todos vão á ladainha,
Chega a hora de rezar.
Este som assim plangente
Faz até chorar a gente.

Eu ouvi na infancia outróra,
Em tempo que já lá vae,
Gemer elle como agora,
Pela morte de meu pae.
Era então inda creança,
Tenho bem disto lembrança.

Era eu adolescente,
Quando o ouvi em tom sombrio,
Soluçar louco, demente,
Pela morte de meu tio.
Sentia dôr o coitado,
Soluçar por um finado.

Depois o vi festival,

Tinha em cada som um riso,
Despertar todo arraial...
Era mesmo um paraiso!
É que então, nesse momento,
Fazia meu casamento.

Um dia, oh! que infando dia!
Tocava o sobre mesquinho,
Junto ao meu leito jazia,
Na concha morna do ninho,
Minha [illegible] oh! cruel sorte!
Entregue aos braços da morte.

Quanta vez, ó sino amigo,
Maldisse teu som nos ares,
Mas hoje, ó sino, commigo
Vem chorar os teus pezares.
É que então do teu destino
Não sabia, ó amigo sino.

Campello - 1921 -

Eu amo as horas da noite...

Eu amo as horas da noite,
Em que tudo é meditar,
Quando nas ondas do mar
Scintilla a lua indolente,
Quando a brisa pressurosa,
Soluçando suas magoas,
Vae beijar as claras aguas
De mansa e lisa corrente.

Eu amo as horas da noite,
Horas de dor e tristeza,
Em que toda a natureza
Dorme até o surgir do Sol;
Em que as lagrimas do céo:
As gottazinhas de orvalho,
Reluzindo em cada galho,
São de estrellas um lençol.

Eu amo as horas da noite,
Hora dos brancos phantasmas
Em que da terra os miasmas

Se espalham por sobre o ar,
Em que as estrellas palpitam,
Como brancos passarinhos,
Que occultos dentro dos ninhos
As azas vão descançar.

Eu amo as horas da noite,
Em que o rugir da cascata
Atroando a selva, a matta,
Vae levar seu echo, além;
Em que os peixinhos dormitam
E a esbranquiçada neblina,
Nos ramos da casuarina,
A medo pejoisar vem.

Campello - 1921

Quando eu morrer...

Quando eu morrer, não quero que o caixão
Seja apertado, pequenino, estreito;
Eu, que por lar tive o universo inteiro,
Viver não posso em reduzido leito.

Quando eu morrer, a minha cova rasa
Anhelo façam, quasi rente ao chão;
Talvez um dia já cançado, exhausto,
Queira sahir daquella solidão.

Quando eu morrer, envolvam-me de flores,
Todo meu corpo comporão com geito;
Façam-me baaga a sepultura, grande,
Viver não posso em reduzido leito.

Quando eu morrer, á minha cabeceira
Haja um cypreste para dar-me abrigo;
Contar-lhe-hei as minhas maguas todas,
Elle, sentido, chorará commigo.

Quando eu morrer, sobre o meu corpo frio

Lancem os versos que compuz a ermo:
São da minha alma as flôres mais viçosas,
São quasi pedacinhos de mim mesmo.

Quando eu morrer, oh! sim, talvez minha alma
Há direitinho aos pés de Jehovah;
Talvez amando o mundo, o campo, a selva,
Chôde na voz de meigo sabiá.

Quando eu morrer, talvez a terra infausta
Eu ficarei eternamente a vel-a,
Lá das alturas onde o sól campea,
No forte brilho de uma branca estrella.

Quando o meu corpo presa fôr da morte,
Quando eu de vida nada mais tiver,
Ao menos uma lagrima de pranto
Deixa correr, o mãe, quando eu morrer.

Campello - 1921

Minha terra.

A minha terra é um ninho
De mimoso passarinho,
Egual no mundo não ha;
É um jardim de açucenas,
Em que nas tardes amenas
Canta o meigo sabiá.

As noites de minha terra,
Quando a lua beija a serra,
Que de encantos que ellas têm!
As peluzentes estrellas,
Como vaidosas donzellas,
Mais belleza dar-lhes vêm.

Os seus regatos fluentes,
Os seus campos viridentes,
Que doce magia enceram!
As ovelhinhas balando,
A herva tenra tosando,
Emquanto os novilhos berram.

Em suas mattas floridas
Andam as tribus perdidas,
Amando a vida selvagem;
A brisa passa macia
Pela floresta sombria
Beijando a verde folhagem.

No seu clima ha variedade,
Desde a mais fria humidade
Té o calor mais ardente;
A flóra, oh! que rica flora!
Accorda ao surgir da aurora,
A noite quéda dormente.

A fauna do meu torrão,
Si lhe fallece um leão,
Supera em outro animal;
As seáras, mantos de oiro,
Ostentam cabello loiro
Té na zona Tropical

Quando á manhã rompe o sól,
Estendendo o seu lençól,
Annunciando o Trabalho,
No campo tereis um véo
De estrellas, que veio do céo,
Nas brancas gottas de orvalho.

Oh! como é bella, tocante!
Oh! si eu pena de Dante
Para cantal-a tivéra!
Pintaria um paraiso,
Todo delicias e riso,
Sob um céo de primavéra.

Campello - 1921 -

O canario

Quando o dia despontava,
Sempre alegre e jovial
O canario já encontrava
E em seu canto matinal.
Cantava muito: era um gosto,
Até quando já sól posto!

No Telhado, na mangueira,
Sobre a terra, no vergedo
Nos galhos da laranjeira,
Sob os ramos do dvoredo,
Cantava, tanto cantava,
Que a gente toda accordava.

Na palmeira tem o ninho,
Um lar de pobre cantor,
Todo tecido de arminho,
É pobre, mas que primor!
Na companheira fiel
Tem o seu favo de mel.

Esse bardo hoje não canta,
Nas grades de uma prisão
Morre-lhe a voz na garganta,
Tem prantos no cordeão.
Chora o campo, oh! que saudade!
Dos tempos de liberdade.

Triste vive o pobresinho:
Quer cantar acha empecilhos:
Lembra da esposa o carinho
E o terno grito dos filhos.
Os trinos que o peito solta
São cantos, mas de revolta.

Ás vezes, um passarinho
Em folgueds corta o ar,
Na gaiola o canarinho
Ensaia tambem voar,
Mas, oh! dôr, que o peito invade!
Vae bater de encontro a grade.

O' vós, creanças, soltae

O captivo da gaióla,
Lembrae-vos de que elle é pae
Prestes abri-lhe a portinhóla.
Então não mais contrafeito
Soltará echos do peito

Campello - 1921 -

Saudade.

Quem sabe, ó branca saudade,
Es tu a meiga visinha,
Que num vôo de andorinha
Me deixou nesta mansão?
Si o és porque te calas?
Confessa que eu te hei de ter
Noite e dia que viver
Perto do meu coração.

Coitada da pobrezinha!
Talvez, quem sabe? Talvez,
Com pena da viuvez
Da minha alma, a minha dôr
Querendo apagar, lenir,
Nesta hora de desconforto
Transformasse o corpo morto
Na existencia de uma flôr.

Si o és porque me illudes?
Como ella és bella, tocante,
Na pallidez do semblante

Ès a minha Margarida.
Não temas, has de ter vida
No pé, como tens agóra,
Para sorrires á aurora
Quando despontar, querida.

Si o sól, um dia, nefasto,
Tua esbelteza murchar,
Os beijos que te hei de dar
De novo far-te-ão viver.
Porque os beijos de saudade
São almas gottas de orvalho,
Que caindo sobre um galho
A vida faz renascer.

Não illudas, meu anjinho,
A um mesquinho cantor,
Si te mudaste na flôr.
Não me negues, minha rainha.
Quando te beijo em preceito
Meu peito em ancias tremer,
Julgo em ti minha irmã ver,

Quando te beijo à manhã.

Campello - 1921 -

A vida

A vida, diz o moço — é um sorriso
Que desponta em uns labios purpurinos;
A vida, diz o velho — é carga infausta,
Que se desfaz ao bimbalhar dos sinos.

A vida, diz o rico — é ouro puro;
A vida, diz o pobre — é de miseria;
A vida, diz o impio — é saciar-se
Nos gozos e prazeres da materia.

A vida, diz o pensador — é sopro
Que se evapora ao vento da desgraça;
A vida, diz o santo — é dom sublime,
É viver-se em completa e plena graça.

De todas estas a que mais me agrada,
A mais bella e fatal definição

É a do santo. Com prazer concluo,
Que de todos só elle tem razão.

Campello - 1921 -

A rosa e o colibri.

Disse um dia uma rosa a um colibri
"Porque, malvado, não me vens a mim
Oscular, como fazes ás mais flôres,
Ao pessegueiro e ao pallido jasmim?

Eu que me orgulho em ser a mais vistosa
Das minhas companheiras, não me beijas?
É volavel de um caule a outro caule,
De uma a outra flor celere adejas?"

Toda vez que o travesso colibry
Passava pela rosa, esta se abria
Mais seductora a ver aquelle ingrato,
Que nem siquer os olhos lhe volvia.

Um dia o colibry viu-a já murcha,
Não tendo a incendiar o seu desejo.
A vida que a animava Ella chorou
Na cruel perseguidão de um teus beijos.

Campello - 1921-

A...

Um anno que transcorre! E estaes na mesma
Disposição de um outro decorrido:
Armas em riste para a lucta affeitas,
Perdão e graças para o arrependido.

O pelio é o mesmo que se perpetua:
O rei das trevas combatendo a luz,
De um lado Deus e d'outro Satanaz,
Que a humanidade a todo mal induz.

Baluarte da fé, que á fé chamaes
O transviado na torpeza visto,
E, apontando lhe mostraes a cruz:
"Tomae, dizeis, o pavilhão de Christo"

"Alli tereis o que buscaes ás tontas:
Virtude, crença, força, inspiração;
O jugo é leve, sopezae as minhas
O estandarte da nossa redempção."

Um anno a mais! E o pastor bondoso

Não sente o pezo, o declinar da edade,
Por sendas segue a trabalhada ovelha,
Sendo para ella todo caridade.

Nosso desejo é que se repetisse
Por muitos annos o dia d'agora,
Que em vossas cinzas renascesseis novo,
Como da Phoenix se dizia outróra.

No entanto a morte com seu gladio fero
Um dia a vida nol-a ceifará,
Mas que importa si, para o mundo extincta,
Na vida eterna resuscitará?

Então tranquillo dormireis á sombra
De um nome puro, sempre abençoado,
Rebrilham nelle bençams de viuvas,
De pobres orphams que haveis educado.

E o julgamento da posteridade
Do esquecimento elevará o manto,
E uma só voz proclamará aos ventos:

"Foi varão justo e mais que justo, santo."

Niteroy 1920

Jesus no Calvario

No cimo do Calvario, a cruz do Salvador
Illuminava a noite em rubido clarão;
Maria, a virgem mãe, ferido o coração,
Rorejava de pranto os pés do Redemptor.

A rosa de Jessé, a mais mimósa flôr
Dos valles da Judéa, das filhas de Sião,
Indifferente a tudo, em uma adoração,
Prostrada sobre a cruz carpia a sua dôr.

Tudo silencio em torno... A natura dormita...
No céo a estrella norte a scintilar fluctúa
Uma faixa de luz com languidez se agita,

Osculando o cabello e a branca face núa
Do meigo Nazareno. O coração palpita
E Maria desperta. Era um beijo da lua...

Niteroy 20-11-919

S. João Baptista

Em sordida masmorra encarcerado
O filho de Izabel, o precursor
Baptista o intimorato pregador
Domita aos duros ferros amarrado.

Sombra que estava entre o rebanho amado,
Pregando a penitencia e a lei do amor,
Fulminando a perfidia com ardor
E sonia de gozo os bellos fados.

Range a porta nos gonzos e vagarosamente
Entra celere da milicia a gente.
O Baptista desperta e brada: "oh! porte!

Oh! sonho que não mente, oh! liberdade."
Um vulto negro falla á claridade
Das Tochas: "Eis me aqui, trago-te a morte."

Niteroy 22-11-919

O passaro

Anda apressado o pobre passarinho
No labor incessante, desde a aurora
Não pára um só instante, uma só hora,
Sempre a catar p'ra os filhos um bichinho.

Na copa da mangueira o terno ninho,
Occulto entre os cipós além se arvóra;
Busca-o a cada passo e a voz canóra
Faz ouvir nos contornos do caminho.

Vendo um inclemente e rude caçador,
O espantalho das mattas, o terror
Dos passaros, a ave os ares corta

E vae celere os filhos deffender.
Um Tiro sôa... após, um esbater
De azas em estertor: estava morta...

Niteroy-1919-

O monge

Eil-o, de pé, no cimo do rochedo,
Apenas rompe a aurora e enceta o dia,
A contemplar extatico a agonia
Da vaga que se embala no penedo.

As brisas, doudivanas, em folguedo
Beijam-lhe os pés, as faces á porfia;
O velho monge compassivo ria,
Amava aquella luta era um brinquedo...

Ao presenciar d'alli a lucta ingente
Do furioso mar có'a rocha penitente
Haver na tena, egual uma outra lida,

Um outro mar, que se rebolca afflicto,
Anciosando um lancinante grito
Contra os humbraes da eternidade: a vida...

Niteroy 7-920

A J... R...

Anjos em alas na mansão sagrada
Iriam das lyras doce melodia
No ar vibratil, pallida inundia
A suave luz de eterna madrugada.

Sobre um docel de aljofar assentada,
A mãe de Deus a musica assistia,
Nas mãos uma coròa lhe luzia,
Esperando a cabeça afortunada.

Em festa está o céo, porque um soldado
Nas phalanges de Christo se enfileira
E ao rijo vento as azas da galéra

Solta em busca do porto ambicionado.
Após a lucta, os louros da victoria
No céo terá como o penhor da gloria.

Niteroy - 192-

A Franklin Almeida

Eu li os teus "Paineis" e embevecido
Na leitura por magico condão,
Os auri-verdes sonhos da illusão
Procuraram-me, após terem partido.

A Musa em ti sagrou seu escolhido,
Deu-te o beijo immortal da inspiração,
—Esse dom que seduz o coração
Ainda o mais vil e o mais endurecido.

O' tu, vate sublime e delicado,
Tu, que com o pincel animas tudo
E vaes direito ao ideal sonhado.

A minha admiração inteira tens.
Aqui, neste soneto, eu te saúdo,
Seja elle portador de parabens..

Campello - 1921

Visão

Como agóra, é imagem do passado,
Avulta nestas trevas que diviso,
Tendo no porto impresso o mesmo riso,
Riso de dôr - que é pranto amargurado.

Si te descubro em aprazivel prado,
Eu logo vejo o téu presente aviso:
"Aqui demoro, neste paraiso,
Anjo da guarda, que te segue ao lado."

Si meus pezares, eu consagro á lua,
Quando alta noite me ponho á janella,
Embuando a mente, a divagar fluctúa.

A apparição eu julgo sempre vêl-a
Tanto mais bella, si o luar desmia-a,
A acenar-me de uma branca estrella.

Niteroy - 1921 -

Deus

Eu era então immerso em incerteza.
Interrogava a terra, o espaço, os céos,
Buscando vêr na bruta natureza
A mansão do supremo ser – que é Deus.

Eu perguntei á brisa que passava
Farfando as verdes comas vegetaes:
"Em que lar Deus habita?" E por resposta:
"Ascende mais"

Interroguei a lympha que corria,
Banhando a olla aos rudos mattagaes.
"Onde reside Deus?" Responderam-me ella:
"Ascende mais."

Eu perguntei á onda que, anciosa,
Beija o collo dos brancos areaes:
"Onde demora Deus?" E por resposta.
"Ascende mais"

Interroguei os fumos que se evola,
Em vagarosas, brancas espiraes:
"Onde reside Deus?" Responderam-me elles:
"Ascende mais"

Eu perguntei aos pinos que roliçam
Nas altas torres, de altas cathedraes:
"Qual a mansão de Deus?" E por resposta:
"Ascende mais"

Interroguei os cedros da montanha,
Que agita no ar seus braços collossaes:
"Em que lar Deus existe?" Retrucou-me:
"Ascende mais"

Eu escalei a região dos anjos,
Que da mansão de Deus já se approxima
E perguntei-lhes: "Onde Deus habita?"
"Um pouco acima"

Depois de peregrar por tanto tempo,
De seguir, palmilhar caminhos vãos,

Descobri, santo Deus, que tua morada,
É no sacrario.

Niteroy - 1921 -

A lua do sertão

A lua desta cidade
Não é a casta deidade,
Que vagueia no sertão;
Lá cheia, bella, viçosa,
Qual lindo botão de rosa
Ou qual rosa ainda em botão.

Aqui muda e docentia,
Não tem tanta poesia
Como aquella do sertão;
Lá jovem, loquaz, faceira,
Qual donzella brasileira,
Vagando pela amplidão.

O luar da minha terra,
Quando por detraz da serra,
Mostra o seu rosto gentil;
Parece um lindo escaler
Ou folha de rosicler,
Boiando num mar de anil

Está lua, aqui, tão muda,
A belleza não transuda
Do luar da minha aldeia;
Como é bello, surprehendente,
Ver surgindo vagarosamente
No sertão, a lua cheia!

Quem a viu surdir, ligeira,
Dos ramos da laranjeira,
Mais clara que a luz do dia,
Não mais a verá tão bella,
Tão pura, meiga e singela,
Nem com tão doce magia!

Linda lua em teu regaço,
Deitado sobre teu braço,
Leva-me, conduz, ó lua;
Quem te viu formosa e pura,
Não te póde ver escura,
De encantos mil assim núa.

No sertão, ó amiga minha,

Tens o poder de rainha
E a magestade do sceptro,
Aqui pobre, esfarrapada,
Qual mendiga pela estrada,
És da morte o feio espectro.

Vamos lua! Abre teus braços.
Conduz-me pelos espaços
Ao meu cubiçado sertão;
Sou aqui qual planta agreste,
Que mudar não póde a veste,
Tendo morto o coração.

Niteroy - 1921 -

A meninada.

A meninada depois do estudo
Procura o campo para brincar,
Pula, saltita, frontes ao ar,
Tudo reviva, remexe Tudo,
A meninada depois do estudo.

Oh! como é bello vêr as creanças
Sadias, fortes e folgazãs!
Nestas risonhas, lindas manhãs,
Em que o sól doira do arbusto os tranças
Oh! como é bello vêr as creanças!

Parecem rosas inda em botãs,
Que beijam brancas gottas de orvalho
Ou passarinhos que sobre um galho
Desferem threnos do coraçãs
É a creançada flôr em botão.

Ai! quando as vejo nessas folganças,
Sinto ferir-me fundo a saudade,
Ah! minha infancia! que doce edade!

Como despertas em minh lembranças,
Quando os petizes vejo em folganços!

Oh! si á infancia tornar pudera!
Experiencia, sabedoria,
Tudo o que tenho ledo daria
Por um só dia de primavéra.
Oh! si á infancia tornar pudéra!

Quizera eu hoje não ter juizo,
Hagar correndo campina em fóra,
Mas si eu isto fizer agóra
Chamam-me louco, velho sem siso.
Quizera eu hoje não ter juizo.

Niteroy - 1921 -

Perdão, Senhor.

Senhor Deus dos pequeninos,
Que fallaes na voz dos pinos,
Não ouvis o meu lamento
Retumbar na voz do vento?

Si ouvistes, Senhor Deus,
Como estes tormentos meus,
Estes tão doridos ais,
Minorar não procuraes?

Bem o vejo, meu Senhor,
Que vos não mereço amor:
Quem vos tem tanto offendido,
Não vos póde ser querido.

Eis-me aqui prostrado ao chão,
Supplicando-vos perdão
Pelo mal que effectuei,
Contra vossa santa lei.

Fostes vós, ó Senhor meu,

Quem, por Christo, prometteu
Ao contricto salvação,
Do peccado a remissão.

O' Senhor não queiraes visto,
Fementido o vosso Christo,
A mim perdão já depressa,
Cumpri a vossa promessa.

Nictheroy - 1921

O ceguinho

Era à beira do caminho
Que, à sombra de um cajazeiro,
Vivia o pobre ceguinho
A esmolar o dia inteiro.

Nesta vida nem um guia
Os passos seus lhe dirigiu:
Sua mãe já não vivia,
Quando o dia contemplou.

Possuia este mundo:
Uma sombra e um teto além,
Um disco branco, profundo,
Nos olhos brancos também.

Si é triste ser chegado
No mundo sem mãe, nem pai,
É mais triste ser guiado,
Sem saber onde se vai.

Um dia o cego apalpando,

Na pobre choupana entrou,
Em alta febre queimando,
Que mais a fome augmentou.

Quem cura do pobrezinho,
Quem leve o tormento seu?
Na cabana, alli, sosinho,
Tres dias depois morreu.

Nós, ó filhos da ventura,
Que viveis só na riqueza,
Não sabeis qual a tortura
De quem bive na pobreza.

Quando virdes um ceguinho
Pedir pelo amor de Deus,
Uma esmola ao coitadinho
Não lh'a negueis pelos céos.

Quanto lhe amargura, quanto,
Estender, á luz do dia,
Sua mão que, no entretanto,

Muita vez volta vazia!

Niteroy - 4 - 921

Só.

Cruciscos de Jesus Sacramentado.

Aqui me vejo sósinho,
Sem a graça de um carinho,
Em constante esquecimento,
Eu, que o sangue derramei,
Para levar minha grey
Ao porto de salvamento!

Desci dos altos dos céos,
Fiz-me um homem, sendo Deus,
Para a vós todos salvar,
A minha pungente dôr,
O meu grande dissabor,
É aqui sósinho estar.

Soffri grandes amarguras,
Padeci crueis torturas,
Por ti, homem peccador,
Mas das dôres que soffri,
Estar isolado aqui,
É a minha maior dôr.

Nem a corôa d'espinho,
Como estar aqui sósinho,
Foi tão dura provação;
Nem o pesado madeiro,
O mofar do povo inteiro,
As pragas da multidão.

Uma vez em minha vida,
Já senti a atroz ferida
De ficar abandonado;
Foi quando a guarda guerreira
Da Judéa cativeira
Me levou manietado.

Este abandono, no entanto,
Não me foi tão duro, tanto,
Como este em que agora estou;
Antes tinha este consolo:
Este povo imbelle, tolo,
Não sabe ainda quem eu sou.

Hoje que tudo fulgura,

Que não ha mais noite escura,
Que brilhou uma nova aurora;
É bem triste o meu Calvario,
Habitar neste Sacrario,
Como estou, rosinha, agora.

Emquanto os picos paloes,
Presos, têm os corações,
Ninguem por mim se interessa;
Tenho as mãos de graças, cheias,
Para dar a mãos alheias,
Mas nenhuma ha que m'as peça.

Niteroy - 4 - 921

O mentiroso

(Monologo)

Em casa tudo conspira...
Si quero um facto narrar,
Gritam logo que é mentira
Aquillo que eu vou (contar) contar.

Vivo triste, sem ter gozo,
De fallar eu vivo á mingua;
Si começo, ó mentiroso,
Me dizem, pára esta lingua.

Que la fiquem taes malucos,
Que desconfiam de mim;
Um par de velhos caducos
E' mesmo descrente assim.

Como estou n'outro ambiente,
Que confiança me inspira,
Entre seria e boa gente,
Não quero contar mentira.

Vou narrar-vos, meus senhores,

Só a vós que lutaes aqui,
Uma scena das maiores,
A qual eu mesmo assisti:

Encetava o meu trabalho,
Quando escuto, de repente,
Um bater surdo de malho
E uns gritos de penitente.

Larguei a tarefa minha,
Antes mesmo de acabar,
Sigo em busca da cozinha,
Na cozinha vou parar.

Do que vi fiquei pasmado!
Um frango pinjão, faceiro,
Brandia um grande machado
Na testa do cozinheiro.

Vejam lá igual a impressão,
Que tive nesse momento!
Ver alli morto no chão,

O pobre do José Bento!

O malvado do franguinho,
Morto o Bento, dança um tango.
Quando um gato, de mansinho,
Atira um prato no frango.

O prato sem direcção,
Lançado por fortes braços,
Foi parar direito ao chão,
Em mil e tantos pedaços.

Mamãe logo appareceu.
Eu corri por precaução;
Eis o que me aconteceu:
Recebi forte lição.

No começo um pipanote,
Seguido de um: Falla tudo!
Depois um rijo chicote
E muitas horas de estudo.

Mas sabem quem me perdeu?
Foi o senhor José Bento,
Que me causou tal tormento,
Quando vivo appareceu.

Não pensem que isto é fita,
Que mereci tal lição;
Mas oh! Que coca bonita!
Que tremenda correcção!

Niteroy - 1921

Recitada por Mocyr Ramos
na sessão solemne de 10
de Maio de 1921.

Jesus!

Na primavera dos annos,
Quando o mundo nos seduz,
Já farto de desenganos
Procurei-te, meu Jesus!

Visitei pomposas salas,
Onde a riqueza reluz,
Mas entre o esplendor, as galas,
Não te vi, ó meu Jesus!

Ás estrellas que, aos milhares,
Sobre a terra jorram luz,
Dirigi os meus olhares
Sem te ver, ó meu Jesus!

Perdi meus olhos nas vagas,
Nas vagas meus olhos puz,
Vi surgir remotas plagas
Mas não a ti, meu Jesus.

Percorri longas campinas,

Onde o orvalho cai a flux:
Vi rosas, cravos, boninas,
Sem te ver, ó meu Jesus.

Ascendi altas montanhas,
Ao vento meu peito expuz;
Vive sensações extranhas,
Mas não te vi, meu Jesus.

De uma egreja a larga porta
Em certo dia transpuz;
A alma em scismas absorta,
Pivisei-te, meu Jesus.

Quanta dor! Que dor pungente
Me assaltou quando da cruz
Vi macerado, pendente,
O corpo do meu Jesus!

Niteroy

Hymno escolar

É a escola via certa,
Que á sciencia nos conduz;
É a porta que está aberta
Ao claro reino da luz.

Estr.

Um esforço mais e o monte
Todos, todos subiremos,
E então lindo horizonte
Todos nós desfructaremos.

É a escola nau segura,
Que nos ha de conduzir
A uma terra, que fulgura
Entre as brumas do porvir.

Applicar-nos ao estudo
É nosso sacro dever,
E depois na vida tudo,
Tudo facil ha de ser.

Estudar com attenção,

Que elevado entre outras mil,
Surgirá forte nação,
O nosso caro Brasil.

Ao estudo, companheiros,
Com afan e ardor febril,
Porque somos brasileiros,
E amor temos ao Brasil.

Niterói - 4 - 921

Soneto recitado pelo auctor na
sessão magna da Academia, em 10-5-921

Si penetrar no coração humano
Nos fora dado! O que se não veria?
Brotar aqui de um riso a melodia
Alli fechar-se a flôr de um desengano.

Além, a inveja o odio, cruel, vesano,
Que teme apparecer á luz do dia,
E mais além a insonte phantasia
De dormir na doçura de um engano.

Si o nosso coração, neste momento,
Mostrar pudesse o ingente sentimento
Que o domina e o invade todo inteiro,

Verieis nelle risos de alegria,
Porque vós, mais um anno, neste dia
Contaes no episcopado brasileiro.

Nitéroy - 4 - 921

Hymno seminaristico.

Eia! Avante! phalange sagrada,
Ao combate sem medo e temor;
Seja a cruz na vanguarda hasteada,
Dentro em nós reine Nosso Senhor.

Estr.

Nossos peitos serão fortaleza,
Que não teme do herege a metralha;
Em Jesus temos nosso firmeza,
E na fé, nossa cota de malha.

A sciencia e a fé, juntamente,
Sejam nosso brilhante pharol;
Seja o livro a polar resplendente,
Seja a fé nosso claro anebol.

Eia! obreiros da santa cruzada,
A semente espalhemos na terra;
Empunhemos a cruz por espada,
Seja a paz nosso ghito de guerra.

Palmilhemos os invios sertões,

Mensageiros da paz e da luz;
Elevando a Jesus corações,
Dilatando o reinado da cruz

Que o Tapuia conheça a palavra,
A palavra da Santa Escriptura;
Que a descrença medonha que lavra,
Se desfaça ante a fé que fulgura.

Sem temor nossa via sigamos,
Anchieta será nosso espelho,
Satanaz foragido vejamos,
Ante as luzes do nosso Evangelho.

Que por terra bagueie a doutrina,
Onde o erro pululla, viceja;
Reina a estrella de luz diamantina,
A doutrina sagrada da Egreja

No combate, na rude peleja,
Fulja sempre este lemma gentil:
Inclinar nossas frontes á Egreja

Trabalhar pelo nosso Brasil.

Niteroy - 4 - 921

A voz do vento

É noite. O vento lá fóra,
Como um mendigo que chora
Sem lar nem abrigo ter,
Solta um ai tão dolorido,
Que, soando como um gemido,
No leito me faz tremer.

Que dor é essa incontida,
Que em teu peito acha guarida,
Dor intensa, dor enorme,
Que tu curtes em segredo,
Num silencio morno, quedo,
Quando a natureza dorme?

E o vento desfere queixas,
Das folhagens as madeixas
Vergastando com ardor;
Investe com furia as portas,
E seus ais, ás horas mortas,
Põem-me encher-me de pavor.

Nas quebradas seus gemidos,
Vão morrer como ganidos,
De cão que de fome chora;
E eu, trausido de espanto,
Não posso dormir, enquanto
O vento geme lá fóra...

5-921

Niterói

Virgem Maria

Virgem das virgens, sublime essencia,
Que da innocencia foste padrão.
A quem navega por entre escolhos
Volve teus olhos, de compaixão.

Virgem, sorriso do ser divino,
Baixado a pino do céo á Terra,
Volve teus olhos, virgem serena,
A quem só pena no peito encerra.

Virgem clemente de olhar tão puro,
A este mundo em que nós vivemos,
Volve teus olhos de piedade,
Que a soledade supportaremos.

Virgem prudente, com teu auxilio,
O nosso exilio será mais leve;
Pois és a chamma avivida, intensa,
Que da descrença dissipa a neve.

Quando eu, ó Virgem, galgar o espaço,

* protervo = brutal, descarado.

No teu regaço quero dormir;
Acolhe, ó Virgem, este teu servo,
Quando ao protervo* mundo fugir.

Niterói - 5 - 921 -

Círculo vicioso

Ao sopé de elevado e verde monte,
Gemia inquieta uma pequena fonte:

"Oh! quem me dera ser um ribeirinho,
"Abrir entre as florestas um caminho,

"Fazer rolar em minhas águas seixos,
"As raízes orvalar aos altos freixos!"

Mas o ribeiro diz com ar sombrio:
"Porque me não fez Deus um largo rio?

"Viver aqui em espaço tão estreito!
"Oh! quem me dera ter um grande leito!"

"Sentir sobre meu dorso que transporto
"Passageiros de um porto a outro porto!"

Porém o rio exprime o seu pezar:
"Porque me não fez Deus um grande mar?

"Ver que me ferem as aguas galeões
"Pesados, estreitar povos, nações

"Distantes num abraço fraternal,
"É a realisação do meu ideal.

Porém com amargura diz o mar:
"Oh! si fundera em fonte me tornar!

"Cansa-me este continuo movimento.
"Não gozo de socego um só momento.

"Quanto detesto os amplos horizontes!
"Oh! quem me dera a calma paz das fontes!

Niterói - 5-921

Saudações

Recitada por Jorge Gama na sessão solemne de 10-5-921.

Eu vi quaes sereias gazis, vaporosas,
Sahidas dos mares,
Tres graças sublimes, tres fadas formosas,
De castos olhares.

Uma das tres
Chegou-se a mim,
Com lucidez
Fallou assim:

"Ao vosso Prelado,
"Que em seu coração,
"Bem junto a seu lado,
"Me guarda de pé,
"A minha affeição,
"Os meus cumprimentos,
"Pois eu sou a Fé.

Depois a segunda
De mim se abeirou,
Contente, facunda,

Assim me fallou:

"Ao vosso Prelado,
"Legae-lhe tambem,
"Por mim, Caridade,
"O meu parabem.

Após a terceira
Tambem não tardou,
Jucunda, faceira,
Assim me fallou:

"Eu vivo na terra
"Qual loira creança,
"Lembrae ao Prelado
"Que eu sou a Esperança.

"E como as outras,
"A saudação
"Minha elle guarde
"No coração.

Depois... bateram as azas, em revoadas,
Pelo infinito,
Deixando as saudações a mim legadas,
Que eu vos transmitto.

Recitada por Jorge Gama
na sessão magna da A.
cademia, em 10-5-921.

Rosa ou Irene?

Uma duvida tormentosa
Á mente me vem perenne,
Pois não sei si Irene é rosa,
Ou si a rosa é quei Irene.

* * *

Parti. Que tempo lá vae!...
Deixei a concha ditosa,
Mas confiei a papae
O cuidado de uma rosa.

Um dia sem esperar
A fortuna prazenteira
Conduz me de novo ao lar,
E apenas vejo a roseira...

Onde está a minha flôr?
Perguntei ao pae então,
O meu legado de amor,
Que me guardou vossa mão?

Percebendo a minha dor

Indigitou-me o canteiro,
Dizendo que um jardineiro
Roubara-lhe minha flôr.

Então por entre o jasmim
E a violeta mimosa,
Na calma do meu jardim
Chorei a perda da rosa.

Procurei no mundo inteiro
A minha flôr olorosa,
Mas não vio o jardineiro
Que me levou minha rosa.

Eis que agora ella, contente,
Dos vendavaes pura, indemne,
Me volta. A rosa innocente
És tu minha irmã Irene.

Que transportes de alegria!
Que satisfação infinda!
Vem causar-me, neste dia,

Novamente a Tua vinda!

Niteroy 16-8-921

Rosa branca

Nascido é o Redemptor;..
A luz a treva espanca...
De um riso de Maria
Surgiu uma rosa branca.

E aquella rosa branca,
Brotada da alegria,
Symbolisava a paz
Da alma de Maria.

Um dia, no Calvario,
A Virgem lacrimosa
Deixou cahir seu pranto
Nas petalas da rosa.

Da mãe de Deus a flôr

A ingente dor espelha,
A posa que era branca
Tornou-se então vermelha.

São estas duas posas,
Que são da vista o encanto;
No piso tens a branca
A outra tens no pranto.

6-921.

Niterói.

Á Morte

Quanto tempo ha já que á tua espera
Me detenho ancioso. O nada, embora,
Sejas, acalma o meu soffrer, minóra
Esta pungente dor que me lacera.

Mas creio, ó morte, que uma nova era
Depois de ti virá, uma outra aurora,
Que mais sublime e terno orvalho póra,
Talvez de duradoira primavera.

Emquanto te nomeiam carniceira,
E maldiz-te em peso a humanidade inteira,
Eu te desejo, eu te amo, eu te bendigo...

Que vale a mocidade e a flor dos annos?
Livra-me de futuros desenganos,
Á eternidade leva-me comtigo...

N. Lourenço 5-921

Perdão, meu Deus.

Perdão, meu Deus, a nossa patria pede,
Perdão dos céos a nós queiraes mandar;
As nossas afflicções. no mundo vede,
Por um milagre nos podeis salvar.

Estribilho.

Curvamo-nos, Senhor, á vossa lei gentil,
Por vosso coração salvae nosso Brasil

Sorriu a nossa patria a vez primeira,
Á chegada dos padres de Jesus;
Perdoae, Senhor, a terra brasileira,
Que humilde geme aos pés de vossa cruz.

Perdoae, Senhor, a terra estremecida,
Onde Anchieta a cruz veio implantar;
Perdoae a quem nos transes desta vida
Perdão vos pede aos pés de vosso altar.

Perdão para esta terra, ó Deus de amor,
Onde de vosso Filho a lei viceja;
Glorificae de Pedro o successor,

Perdoae, ó Deus eterno, Deus clemente,
Os nossos erros, nossa iniquidade,
Perdão para o Brasil principalmente
Perdão tambem p'ra toda humanidade.

Ovelhas, vossa voz todos ouvimos
Reunidos em um mesmo e só redil,
Perdão, mais uma vez, nós vos pedimos,
Perdoae, vos supplicamos, ao Brasil

Niteroy - 6-921.

+ Amparae sempre a vossa santa Egreja

Sursum corda

Seigneur mon Dieu, disait saint Augustin tout ce que je vois sur la Terre et au-dessus de la Terre, tout me parle et m'exhorte à vous aimer, parce que tout me dit que c'est par amour pour moi que vous l'avez créé.

Era uma tarde de primavera...
Busquei o campo pinque de flôr,
E ouvi uma planta fallar-me alacre:
"Eu fui creada por teu amor".

Aos passarinhos que chilreavam,
Como se fosse do dia o albor,
Ouvi em trinos que me diziam:
"Fomos creados por teu amor"

A um regato que colleava
Por entre as silvas, sem estridor,
Ouvi dizer-me calmo, sereno:
"Eu fui creado por teu amor".

Maravilhado fitei o sol,
Que já perdia todo o fulgor;
Ouvi dizer-lhe quasi a mover:
"Eu fui creado por teu amor."

Achei-me grande! Eu, pobre verme,
Que se chafurdo no pego immundo,
Ver-me sujeito todo o Universo,
O sol e a Terra, o mar e o mundo!

Que ser mesquinho o que a Deus olvida
Meditei nisto com magua e dôr.
Tudo nos falla de sua bondade:
"Fomos creados por teu amor."

Tudo nos falla dos seus favores:
"Fomos creados por teu amor";
O' minha lyra, reconhecida,
Um hymno entoa ao teu Creador

Então prostrado, face na Terra,
Em signal, disse, de gratidão:

Que sou ingrato para contigo.
Eu reconheço, meu Deus, perdão...

Niteroy - 17-7-921

Virgem Maria

Firmada na cruz,
Que teu filho arvora,
A grei de Jesus
Consola, Senhora.

Unidos marchamos
Em busca da luz,
A ti supplicamos
Mostrar-nos Jesus.

Ó Virgem preclara,
Ó Mãe protectora,
Nas dores ampara
Teu povo, Senhora.

Pharol scintillante,
Que ao porto conduz,
A ti supplicamos
Mostrar-nos Jesus

Estrella do mar
Brilha em nosso exilio,
Nós em teu altar
Pedimos-te auxilio.

Bondade superna,
Que a todos seduz,
A ti supplicamos
Mostrar-nos Jesus.

O' Virgem Maria,
Mãe dos peccadores,
Na treva, alegria,
Consolo és nas dores.

O' mãe, que das penas
A somma reduz,
A ti supplicamos
Mostrar-nos Jesus.

Deus tem já cumprido
Co'a terra alliança,

Do manta perdido
És toda a esperança.

Ó lampa celeste,
Que aos pobres peluz,
A ti supplicamos
Mostrar-nos Jesus.

Polar que os negrores
Aclara aos espaços,
A nós pecadores
Acolhe em teus braços.

Ó mãe que na terra
Só graças produz,
A ti supplicamos
Mostrar-nos Jesus.

Niteroy 1-7-921

O Zé Bigalho

O Zé Francisco Bigalho
Veiu limpo, sem ceitil,
De Portugal ao Brasil,
Á procura de trabalho.

Cá chegado fez teincão
De adquirir logo beis
E cavar os seus vinteus
Passando mezes a pão.

Com surpresa e alegria
Um papagaio poutado
Viu sorpreso, admirado,
Na mangueira um certo dia.

E quiz-lhe pôr o gadanho
Quando o papagaio, alto
Clamou-lhe em voz de contr'álto:
"Não te enxergas seu tacanho"

E o Zé que logo se vê,

Eva insenso à cortezia,
Responde: Nossa Mercê
Desculpe que eu não sabia...

Niteroi 1-9-921

Ao Revmo Pe Gentil

Mensageiro da paz e da verdade,
Que hoje vaes a enfrentar as trevas vagas,
Todo um oceano de blasfemia e pragas
Que contra o padre atira a impiedade;

Si te insultar dos homens a maldade,
(Nem Christo recebeu melhores pagas)
Busca força e conforto áquellas chagas
Do perfeito exemplar de caridade.

Não te importes c'o mundo, o mundo é vario...
Cruzado, continua o teu fadario,
Emquanto luz no céo um arrebol...

Si ha trevas no caminho, ha tambem luz;
Si ha torpezas, tambem ha Jesus
Que te illumina como um claro sol.

Niteroy 6-9-921.

A...

Eu admiro a existencia nos mosteiros
Onde a vida é continua adoração,
Onde se busca a propria salvação
E se repellem os trahas traiçoeiros.

Eu admiro a existencia em reclusão,
Onde da aurora os raios pregoeiros,
Nuncios do sol, do dia mensageiros
O frade vão achar em oração.

Mas o que mais me enleva e me extasia
É ver o sacerdote o pão de cada dia
Distribuindo ao pobre do mendigo,

É vel-o perpassar abençoado
Por esses Lazmalaios de peccado,
Levando uma alma immaculada comigo...

Niteroy-6-9-921

Tá bom, deixa.

Imitando...

Uma coisa vou contar-vos,
Mas não quero uma só queixa,
É negócio muito sério...
Tá bom, deixa.

Eu queria recitar
Os versos que um livro enfeixa,
Por isso peço attenção...
Tá bom, deixa.

Exito porque não quero
Como quem bala despecha
Recitar; mas... ouçam lá,
Tá bom, deixa

Já que nada me recorda
E a memoria em vão remexa,
Um caso quero contar-vos...
Tá bom, deixa

Não quero dizer asneira
Tão junto á vossa bochecha,
Mas agora nova idéa tenho...
Tá bom, deixa

Agora, pim, me recordo...
"Outróra linda madeixa
"Poesia bella dama...
Tá bom, deixa.

O senhor lá do harmonio
No teclado os dedos mexa,
Vamos vêr si eu consigo...
Tá bom, deixa

Um pedido vou fazer-vos,
Antes que a cortina se fecha,
É bater-me algumas palmas...
Tá bom, deixa.

Niteroy - 7-9-926.

A yára

Ao meste pallor da lúa,
Das vagas ao brando enleio,
Nas horas de devaneio,
Um barquinho deslisava...
E o mbóco que, curioso,
O rumo delle seguia
Nunca mais apparecia,
Que a corrente o sepultava.

Era crença das velhotas
Que, dentro da leve igára,
Habitava uma linda yára
Mais clara que os arrebóes,
E os que a ouviam cantar,
Naquella solemne calma,
Diziam que tinha n'alma
Um bando de rouxinoes.

Sua voz adamantina
Possuia tal condão
Que o mais duro coração

Logo se lhe prendia.
Tinha a côr das alvoradas...
Seu cabello loiro, loiro,
Parecia raios d'oiro
A fulgir á luz do dia.

Toda a mãe da aldeia ao filho
Da Yára a vida maldiz
Dizendo que aquella ondina
É mãe de carne humana;
Pede amor e os descuidados,
Que na sua rêde apanha,
Immola-os á sua sanha
A sereia deshumana.

Jary, o indio possante,
Depois de ter visto a Yára
Nem um momento gozára
Da paz que o repouso empresta;
Em tudo via a maldicta:
Do rio a surgir na areia
Nos festins, na calma ceia,

Apparece uma canôa
Que não tinha remador.
Dizia o povo d'aldeia
Que aquelle invicto selvagem
Sumia-se na voragem
Do genio devorador.

12-10-921

Niteroy

Bemvindo sejaes!

A D. Sebastião Leme.

Salve! Cruzeiro resplandecente
De amor e luz,
Que magestoso fulgis na "Terra
De Santa Cruz"!

Como o cruzeiro scintillando
Num céo de anil,
Illuminaes de norte a sul
Todo o Brasil.

Rochedo firme que não fraqueia
Ante o incrédo,
Aqui erguido pela bondade
Do rei do céo.

Pudesse a arte ao meu discurso
Emprestar côres,
E arpegiria sobre o Prelado
Chuva de flôres.

Vibra nossa alma, neste momento,

De gozo infindo;
A nossa pobre e modesta escola
Sejaes bemvindo!

Bemvindo seja o que vem em nome
Do Redemptor!
Salve! Cruzeiro resplandecente
De luz e amor!

15-10-921
Niteroy.

As pombas e os sonhos.

Como um collar de açucenas
Que se fizesse em pedaços,
As brancas pombinhas voam
Na vastidão dos espaços.

Ora os rijas azas batem
Ora serenas nos ares
Passam como á superficie
Do regato os nenuphares.

Ao vel-as assim contente,
Em festivo e alegre bando,
Parecem cabeças alvas
De alacres velhos voando.

São os sonhos como as pombas,
Partem e revoam no ar,
As pombas partem, mas voltam,
Não se os sonhos vêm tornar.

12-10-927.

Ismael Coutinho — Niteroy

Nascer, viver, morrer.

Nascer é — a flôr em botão,
Que do sól ao raio quente,
Desperta desconsolada
Do seu somno de innocente.

Viver é — a flôr que viceja
Numa anciedade indefinida
De frescor e mocidade
Dos raios que lhe dão vida.

Morrer é — a flôr que pendida
No eterno esquecimento
Vôa levada, insensivel,
Nas brancas azas do vento.

É um mysterio da vida
Esta escala a percorrer.
Todo o universo reflecte:
Nascer, viver e morrer.

20-10-921

Izaura Nitheroy

A D. Sebastião Leme.

Na Roma antiga um pescador, outróra,
Quando do leme a barca dirigia,
A christandade impavida seguia
Rumos ignotos pelo mar afóra...

Ruja a procella em encarcéus embóra,
Açoite as ondas forte ventania
E haja Pedro que lhe tome a guia,
Do passageiro a timidez minóra...

Turva-se o mar; ondas, em turbilhão,
Contorcem-se na praia, o vento geme,
Reina por toda a parte a confusão.

Eis que apparece no momento extreme
E faz voltar a paz ao coração
Um Sebastião a governar o leme...

20-10-921

Niteroy

Vida e morte

Ha vida na voz do vento,
Entre os ramos dos vallados;
Ha morte no triste accento
Do sino a planger finados.

Ha vida no casto seio
Da flôr que esplende no galho;
Ha morte no nobre alvedrio
Ás gottasinhas de orvalho.

Ha vida nas laranjeiras
Onde balouçam os ninhos;
Ha vida nas goiabeiras
Onde cantam os passarinhos.

Ha morte nos pobres lares,
Onde não reina a alegria;
Ha morte pelos palmares
Ao toque da Ave-Maria.

Ha vida pela devesa

Nas horas do sol nascer;
Ha morte na natureza
Nas horas do entardecer.

Ha vida onde brota o riso;
Ha morte onde impera o pranto;
Ha vida no paraizo;
Ha morte no Campo Santo.

Vida e morte - encadeadas enguida -
Da existencia sul e norte;
Quem sóbe procura a vida,
Quem desce esbarra có a morte.

Nitheroy - 30 - 10 - 921.

Obrar bem e obrar mal.

Dar lição a esses pedantes
Que prosam sem ter vintem,
Quem assim obra
Obra bem.

Mas censurar o mendigo
Vergado ao peso do mal;
Quem assim obra
Obra mal.

Mostrar como o almofadinha
Por dentro a camisa tem;
Quem assim obra
Obra bem.

Mas gombar do pobrezinho
Que o corpo faz de varal,
Quem assim obra
Obra mal.

Por à chacota o vicaço

Que olha todos com desdem;
Quem assim obra
Obra bem.

Mas mofar do que acolhe
A todos com modo igual;
Quem assim obra
Obra mal.

Rir muito do que se julga
Mais sabio do que ninguem;
Quem assim obra
Obra bem.

Mas zombar do que não sabe
Nem o som de uma vogal;
Quem assim obra
Obra mal.

Apanhar o mentiroso
Que nos lógios se detem;
Quem assim obra

Obra bem.

Mas chasquear o coitado
Que só diz o que é real,
Quem acima obra
Obra mal.

Niteroy - 31-10-921

A visita do medico (Ismael Coutinho)

Patrão, sentado

Levantei-me adoentado;
Senti no ventre tal dor,
Que despachei o creado
Em procura do doutor.

Decorrêo de meia hora,
Que em fortes dores me vejo...

Creado

É o dotô que ja demora!
Tem pernas de caranguejo.

Patrão

Ouço que batem agora (ao creado)
Vae já depressa attender.
Em sendo elle, —

Medico

(O' de fóra).
— Envia-o logo a me ver.

O doutor entrando diz ao creado:
Onde está o tal lunatico?

Dante

Louco não mais divagar...

Doutor

Todo effeito pamerratico
Não tem raiz no luar
(ao dante)
Vamos já ao nosso exame.
(O medico ausculta as costas do dante)

Dante

A dor está na barriga.

O medico levantando a cabeça:

Embora da diplopia
Cognata Dante diga
Não descubro a analogia
Tenho a minha opinião: (fondo o dedo na testa)
Um effeito de atrophia
Transtornando o coração.
Ou melhor a explicação
Para mais clara ficar
É preciso a citação
Vede eu agora passo a dar:

As nebulosas hepaticas
Nas omoplatas organicas
Operam forças antarticas
Nas faculdades canonicas.
Os erros xenogenesicos
Que differem do transformismo
Não conseguiram mudar
Os lemmas do hilemorphismo.

Os Aristarcos modernos
Da nova Telepathia
Classificam esta doença
No dominio da phobia.

Os Hyppocrates calvos
Defendendo a medecina
Proclamam que é resultado
Da adolescencia canina.

Os recentes Aristoteles
Abardeando sciencia
Dizem ser pneumonia
Em completa effervescencia.

Affirmam outros doutores
Que têm da ciencia fome
Ser irritação das pernas
Produzida pela fome.

Nada disso. O que eu affirmo.
Com certeza e inteira fé
É que é um ataque apoplectico
Sito nas solas do pé.

Como deve o senhor saber
Toda a sanie em direitura
Tem de passar comprimida
Pela ponta do nariz.

Depois segue o seu trajecto
Para o globo auricular;
Em ricochete se inclina
Á raiz do calcanhar.

Na chegada a perna incha
O mal o peito fatiga.
Eis aqui porque o senhor

Tem forte dor de barriga.

Creado

Isto sim é que é ser sabudo
Bem diziam que o dotô
É perito sabedô. (Abanando admirado a cabeça)

(Pausa)

Cabeça iguá tô pra vê!
Eu não sei toda as leitura
Mas parece diabrura
O dotô tanto sabê!

Doutor

Quasi todos bons auctores
Não desaccordam de mim;
Uma prova quero dar-vos
O senhor sabe latim?

(O patrão abana negativamente a cabeça)

Doutor

Outr'ora houve um collega
A quem Virgilio chamavamos,
O qual disse em meu apoio
"Paulo majora canamus."

Altros multos citaverunt

Qui ja vobis clarus dixit
Non precisa auctores alteros
Onde tuos oculos fixit.

(Depois se retira, despedindo-se com um ligeiro inclinar e é acompanhado até á porta pelo creado).

Creado

Não ha no mundo quem tenha
Mais grande sabiduria,
Pois elle sabe as sciencia
De toda mistolofia.

Patrão

O que mais me sorprendeu
Foi eu dizer ao doutor
Que na barriga era a dor,
E elle sem me notar
A minha espinha auscultar.

Que é sabio o tal doutor
Não pretendo contestar,
Apenas noto que as vezes
Quer-nos elle tapear.

Porem o certo é que a dor
Passou logo ao seu talante;
Pudera! Si o seu discurso
Tinha a dóse de um purgante...

Creado

E tal do home o sabê
Náo sei vancês noto
Que curô logo o patráo
E nem siqué receitô.

Si elle faz toda as cura
Com tanta fisiolofia
É pruquê estudô pra burro
Um pôco de geographia.

Fim.

Si eu tenho de morrer...

Imitando Casimiro de Abreu

Si eu tenho de morrer na juventude,
Meu Deus, não seja agui;
Eu quero ouvir á tarde quando geme
No matto a jurity.

Eu quero ouvir a queda da cascata
Nas horas do sol pôr,
E ver o colibry que louco adeja
De uma á outra flôr.

Eu quero ouvir na igrejinha á tarde
O sino respirar,
E a toada do pobre pegureiro
Que o gado vai juntar.

Eu quero ouvir os cantos do aldeão
Voltando do trabalho,
E a passarada que festiva trina

Procurando agasalho.

Si eu tenho de morrer na juventude,
Meu Deus, não seja aqui;
Eu quero ouvir à tarde quando geme
No matto a jurity.

Eu quero vêr da casa na soleira
Gentil e folgazã
Estender-me os braços carinhosos
Minha bondosa irmã.

Quero ouvir o velho pae, contente,
Falar-me jovial,
Buscando sempre occasião azada
Pra coisas de moral

Quero vêr este anjo dos meus sonhos,
Amparo do meu lar,
Minha adorada e inesquecivel mãe
Nos braços me estreitar.

Embóra oh! Deus os seixos do caminho
Me magoem sem dó,
Fazei que inda tranquillo possa um dia
Abraçar minha avó.

Então, Senhor, depois de tal ventura,
No recesso do Lar,
Podeis enviar a morte que sorrindo
Morrerei a cantar.

Si eu tenho de morrer na juventude,
Meu Deus, não seja aqui;
Eu quero ouvir à tarde quando geme
No matto, a jurity.

Nictheroy, Dezembro 921.

Á margem de um rio

A tarde descia lenta...
Naquella solemne calma
Fui procurar um consolo
Á minha dolorida alma.

Então á margem do rio,
Sentado na branca areia,
Vi surgir calmo e sereno
O rosto da lua cheia.

E aquelle posto em desmaio
Causou-me tal impressão,
Que lenio-me os males d'alma,
Os males do coração.

Pensei então na inconstancia
De todos nossos pesares,
Que passam á tona d'agua
Como os verdes nenufhares.

E o rio tranquillo, manso,
Enrolava suas aguas ...
Como essas aguas do rio
São minhas pungentes magoas.

Ora affectam pijamente
O peito com duas fragoas;
Mas passam, como do rio
Ligeiras passam as aguas.

7-1-922.

Morrer! Morrer!

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terivel me devora a vida.
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,
So tem por braços uma cruz erguida.
- Castro Alves. -

Ja vejo ao longe que me acena a campa
Com gesto largo que o prazer estampa
Nos braços funerarios;
Na voz dos passarinhos só divisо
Som de trampas do dia de juizo
Nas estrellas - sudarios.

Gloria, crença, inspiração, estudo,
Na campa fria ha de abysmar-se tudo,
No atroz esquecimento;
E só por memoria uma cruz alçada
E restos espalhados de uma assada
Que rijo agita o vento.

Taes, irmãos companheiros de jornada,
Todos irão em noite enluarada
Regar meu mausoléo,
E eu feliz assim na campa fria
Heide chorar tambem mas de alegria,
De gozo lá no céo.

Já vejo ao longe a negra sepultura,
Que me acena das noites na negrura,
Chamando-me sem dó;
E eu, peregrino exhausto e fatigado,
Cahirei, como o cedro fulminado,
De rojo sobre o pó.

Tambem, Senhor, de que me vale a vida?
Si a sangrar dentro em mim uma ferida
Lacera o peito meu?
Ha mais socego na mansão da morte
P'ra quem não póde supportar a sorte
De um novo Prometheu.

Sinto, que vou morrer. Na campa agreste
Hei de dormir, á sombra de um cypreste,
Das noites no mysterio;
E si oh! mãe por alta noite um grito
Cortar da calma as dobras de granito
Tartin do cemiterio.

Foi de alguem que estranhando a soledade,
Com certeza chorou, mas de saudade
De tudo que deixou;
Por mim não clames oh! mãe adorada,
Quando encetar sosinho esta jornada,
– Uma lei cumprir vou.

Já vejo ao longe que me acena a campa
Com gesto franco que o prazer estampa
Nos braços funeraios;
Do porto – eternidade me avisinho,
Vejo trevas nas curvas do caminho,
Nos brancos estellarios.

As estrellas

Ás vezes fico enternecido a vel-as,
Na muda calma de uma noite fria,
Cheias de encanto e divinal magia
As peregrinas, pallidas estrellas.

Todas me entendem e eu julgo entendel-as
Na sua indifferença e myatica atonia.
Ha horas de amargura e horas de alegria
Para as ethereas, candidas donzellas.

Quanta vez, quanta vez, ás horas mortas,
Nellas absorto, ellas em mim absortas,
Em intima união, um lenitivo

É impetrado reciprocamente...
E a nossa absorção é tão patente
Eu penso estar já morto e ainda vivo.

Niteroy, 20-3-922

Bendito e louvado seja...

Bendita e louvada seja
A paixão do Redemptor,
Que pregado foi na cruz
E morreu por nosso amor.

Bendita e louvada seja
De Christo a flagellação,
Que soffreu resignado
Para nossa redempção.

Bendita e louvada seja
A pesada e grande cruz
Que por todos peccadores
Carregou Christo Jesus

Bendita e louvada seja
De espinhos a coroação
Que soffreu o bom Jesus
Para nossa salvação

Benditos, louvados sejam
Os cravos que, no madeiro
Prenderam os santos braços
Do manso e pio Cordeiro.

Bendita e louvada seja
A agonia entre mil dôres,
Que Jesus, soffreu constante
Por nós todos pecadores.

Niterói, 1º-4-922

Epistola

Mario

O assumpto desta é extravagante e vario.
Por isso devagar irei com o carro,
Pois tenho medo de levar esbarro
Em um caminho que o avestrado illude
E eu sou cocheiro ainda muito rude.
Entrou-me cá por dentro no bestunto
Em poesia tratar do nosso assumpto.
O decassyllabo, que é verso feito
Para atanar as coisas de alto aspeito,
Não attingirá por certo a sua meta...
Não sabe manejal-o e mau poeta,
Entre os quaes, si ha lugar onde se tome,
Hei de algum dia inclipto vêr meu nome.
O estylo não será lá muito terso
E ainda abaixo ficará meu verso
Ás boas regras sou um tanto avesso
E já pelos senões perdão te peço
A ti que és bom, e perdoar-me-has...
Como vindo vamos de saude e paz?
É o que fallar devia antes de tudo.
Não te pergunto como vaes de estudo,

Pois já conheço o teu intento louco
De assim abandonar-o por tão pouco.
A victoria, é verdade, punta às vezes:
Passam annos, passam dias, passam mezes,
E não vemos abrir a nuvem de oiro
Que annuncia nos venha a palma, o loiro,
Com que havemos de ornar as nossas fontes.
Emquanto o sol procura os altos montes
E á terra envia a luz que tudo ceva
Não deve o homem se abysmar na treva.
Avante! guerrilheiro, que a victoria
Teu nome inscreverá nos céo da historia.
Jamais desanimar! Em vão debate
Quem já sem forças entra no combate!
Feliz o que vingou o cimo da subida!
Feliz o que venceu na lucta pela vida!
Subir, sempre voar pelos espaços!
Que no campo de ti só figuem traços,
Restos dispersos, mas que a fronte altiva
Os astros fira, em claridade viva!
Deixa a campina para o ledo amento,
Não queiras estragar o teu talento.

Es moço ainda e o moço tudo alcança
Emquanto nutre o peito de esperança.
O valle é treva, luz ha só na altura,
Onde polychroma a illuminura
Do sol se expande e se dilata
E a lua estende o seu lençol de prata.
Na planicie ha o pampa, a podridão,
Onde pastejam vermes pelo chão.
De moscas multidões e os seus zumidos
Atormentar-nos vêm sempre os ouvidos.
Ha a cobra, o moscardo, o sapo immundo
A coaxar dos charcos no profundo.
Vê como é feio o reptil de rastros...
E como é bello o refulgir dos astros!
Agora a outro ponto. Assim não faz
Um amigo sincero e um bom rapaz.
Escreveste uma carta e por resposta
Sem mais nem menos me viraste a costa.
Será porque foi prosa? Então, desculpa:
A pressa é não a mim só cabe a culpa.
Pois bem, si foi por isso, já desfaço,
Em verso te mandando um cabhouço.

Em verso não é bem... ainda que malhe
A minha não me sae lá muito a calhe.
Embora vacua e infertil seja a veia
A mão não mette na seara alheia.
Como vai Victor Hugo? E o tal franguinho?
Bem como o Sebastião e o Alfredinho?
E os gallos cada qual mais fanfarrão?
Eulina e tia Arminda como vão?
Não quero que se esqueça a minha lyra
De nos Lopes fallar e na Djanyra.
Como vae no seu ocio o bom João?
Benedicto e Nazaria como estão?
Á mamãe, Santa e Irene eu escrevi,
Mas nenhuma resposta recebi.
Agora si tambem me não responder,
E, de novo, em silencio fu te esconder,
Assim que te escrever por outra vez
Fal-o-hei em latim ou em francez.
Si todavia tudo fôr em vão,
Do inglez farei uso ou do allemão,
Para ver si, por meio de lingua estranha
A minha séde uma cartinha apanha.

Bem, por hoje, já basta de bacoflas,
Que esta encerra aos tropeções e ás copias.
Recommenda-me a todos. Mil abraços
Te expede pelos rutilos espaços
O primo convencido ainda por cima
Que tudo quer dizer por meio da rima;
Mais que parente, amigo, mui fiel
E já sabes que se trata do

Ismael

Post-scriptum:
Algumas linhas sómente e a cousa finda...
Uma noticia a mais terás ainda.
Fui eleito quem nisto pensaria?
Presidente da nossa Academia.
Mas tudo fez-se em calma, sem alardes...
Ao Cattete fui antes que o Bernardes.
Na curul presidencial estou de pé,
O que o mesmo dizer não póde o Mé.

Idem.

Niteroi, 30-3-922

O insecto alado

(Traduzido de Lamartine)

Em pós teus passos seguir eu vou,
De mim retira tua infantil mão;
Ó bom menino, pois eu não sou
O que imagina tua presumpção.

Muito semelho na côr vistosa
Á borboleta que, peregrina,
Busca a creança, procura a rosa,
Em revoada pela campina.

Tocar me queres? Que intento vão!
As chammas tocas tu por ventura?
Escapo e zombo da tua mão:
Eu sou uma alma, desci d'altura.

Eu sou uma alma, centelha ethérea,
Que as leis secretas de Deus adivinha.
Para na terra tomar materia
Eu desci hontem da estrella minha.

Niterói, - 28-3-922.

O Sino

(Lamartine)

O sino da minha aldeia
É um sonoro instrumento,
Que escutava em minha infancia
Como a voz do firmamento.

Quando longa ausencia após
Voltava a torrão natal,
Pelo ar á distancia ouvia
Os sons do doce metal.

Julgava ouvir-lhe na voz,
A voz do meu vallesinho,
A voz de uma terna irmã,
De uma mãe toda carinho.

Agóra quando ouço ainda
Sobre o mar o som que cae,
Cada golpe do badalo
Parece arrancar-lhe um ai!

Porque? Na torre isolada

É sempre o mesmo soar;
Sobre o valle o mesmo hymno,
A manhã mesmo o fundor.

Ah! porque desde o baptismo,
O sino com triste accento
Chorou deste que amava
A agonia e o passamento.

É que em vez das ternas preces
Ao do Te-Deum entoar,
De minha mãe e meu filho
Elle as cousas faz vibrar.

Quando o teu som conhecido
Hontem visitar-me veio,
Eu julguei-te novamente
Da antiga alegria cheio.

Mas, ai! do livro divino,
Onde os doces cantos lia,
Eu não sei qual a amargura

Que a cada verso sentia.

O teu genio é sempre o mesmo,
A mesma alma é que te enflora;
Porém com a mesma harmonia,
Como tudo é triste agora!

Ah! pobre mãe e mulher!
Desfarçar desgraça? Em vão!
Os versos reflectem a alma,
Como a voz o coração.

Có'a sorte concorda o canto.
Tentas sorrir! Mas que dor!
Pois ha pranto em cada corda
E em cada dedo um tremor.

Nesses jogos de harmonia
Dizemos juntos adeus.
Para o genio consolar
Que póde a lyra? Só Deus.

N. Teroy, 30-3-922

Poemeto

"Albery e Jurema."

A lua prateava as comas do arvoredo,
Reinavam pelo matto a solidão e o medo.
O vento sibilava ameaçador e forte,
Pairava sobre a terra o espectro da morte
Feras em seus covis dos fauces rugiantes
Deixavam escapar gemidos lancinantes.
Um vulto, na penumbra, inquieto a perscruta
A selva, se desenha á branca luz do luar.
Um outro sobrevem anciozo e apressurado...
Julieta e Romeu nas noites de noivado
Não vinham mais depressa ao encontro habitu
Viva na furna a onça e treme o monte e o val
Engastados no céo os fulgidos diamantes
Luziam como o olhar de juvenis amantes.
Os dois vagando sós em meio da floresta
Pudicos como o são as folhas da giesta
Representavam Eva e Adão inda innocentes
Em meio dos vergeis floridos e virentes.
Albery, o guerreiro intrepido e feroz,

No combate o primeiro, ameiga o tom da voz
E chama por Jurema, a filha do pagé:
"Jurema, meu amor, vem, quero-te ao pé
"De mim, uma hora só e depois venha a morte
"Pôr fim ao meu soffrer, á minha triste sorte.
"Sem ti de que me serve a vida?" Surdo um ruido
Longo de folha secca o atilado ouvido
Vem ferir-lhe então. "Ouve, meu Albery,
"Acabo de chegar, tornou Jurema, aqui.
"Meu pae sentiu rumor e lesto o arco toma
"A vêr si, na esplanada, um inimigo assoma.
"A custo o aquietei. Agora os teus abraços
"Anhelo fruir, gozar. Nos rutilos espaços
"Já vês que a lua ascende e a meio agora está
"Da rota". A voz cessára. O som do maracá
Não faria mais bella a pastoril linguagem
De uma inculta serrana e de uma alma selvagem.
O firmamento azul irisado de estrellas
Era um solar feudal com milhões de janellas.
Falas de amor a brisa ao longe soluçava,
Indiscreta levando em sua etherea e prava
Aza, o mysterio em que o magico deus Cupido

A humanidade inteira em élos tem prendido.
O velho pagé sonha ao canto de uma ocára
Da guerreira nação, da nobre Tabajára.
Que sonho encantador! A filha, a filha amada
A sua linda garça, agóra desposado,
Por tão bello mancebo, oh! quem pensar pudéra?!
Tinha a florir na vida a flôr da primavéra
Findou-se a ficção e o velho pae, sisudo,
Os olhos entreabrindo observava tudo.
O olhar acostumado a não ter empecilho
Nas trevas divisou o semblante do filho.
Fitou-o noutro ponto e demoradamente...
Deu logo pela falta: Jurema estava ausente
De um salto o arco toma e como um cão na tri
A farejar o rasto em busca vae da filha.
Embrenha-se na matta... o olhar inquiridor
Prosegue a procurar signal revelador..
Aqui, um ramo, além... uma folha nova ao chão
Tudo indicava que uma intimorata mão,
Como quem se diverte amargurada e anciosa
Ao vento desfolhára as petalas de rosa
Que vira num arbusto aborrecivel, feio.

A quem se acha estranho, á voz do amor, alheio.
Estendido Albery na alfombra verdejante,
Em carinhoso tom falou á terna amante:
"Não vês, meu cherubim, que as aveninhas todas
"Preparam o seu festim, o seu festim de bodas?
"E nós, entes por Deus creados para amar,
"Por um capricho vão de um velho abandonar,
"Devemos esta chamma adamantina e santa,
"Que nos perfuma a vida e a vida nos encanta.
Rijo como um martello a retinir em ferros,
O vento se arrojava ás arvores dos serros.
Das estrellas o brilho alvinitente e puro
Torna-se turvo agora, enevoado, escuro.
Subito um grito ecoou nos amplos horizontes...
Jurema e Albery voltaram presto as frontes
E viram, oh! que horror! em pé de raiva mudo,
Insolente o pagé que percebera tudo.
Espessa-se o silencio... A lua empallidece...
O pio da coruja é triste como a prece...
Sorpresos ante o mal, do precipicio á borda,
Ficaram como quem de longo somno accorda.
Extaticos a olhar os ourofeis da terra

Esperam do peccado a expiação, a guerra.
O velho então medindo o horror da situação,
Rancoroso e cruel a voz do coração
Desprezando, com fero e ameaçador aspeito,
Taes palavras tirou do furibundo peito:
"Ó peregrino ousado, ó moço aventureiro,
"Ó tu que o porte tens de intrepido guerreiro,
"Jamais se viu aqui pessôa a nós extranha,
"Que incolume chegasse ao cimo da montanha
"Que a tua audacia agora acaba de transpô
"No emtanto o deus Tupan, dos crimes vingador
"Permittiu que uma tribu a nossa exterminasse
"E que do maracá o som não mais soasse
"Sob este céo taful de ramos de verdura
"Prendado pelo beijo innocuo da natura.
"Fiquei eu a chorar a sorte cruel e amara
"Que a ruinas reduzira a nação Tabajára.
"Desfeito o nosso povo, um plano concebi:
—"Casar esta innocente e meiga jurity
"Com um jovem galhardo e no combate, forte
"Escapo como nós ao espectro da morte.
"Então, oh! sonho meu dourado! oh! phantaira!

"A descendencia nossa em sangue lavaria
"A affronta vergonhosa (e fez nisto uma pausa)
"Que só ainda em lembrar immensa dôr me causa.
"Pois quando ao longe ouvi com desprazer infindo
"O vento soletrar: "o teu poder é findo"
"Febricitante e louco aos céos ergui as mãos,
"Um juramento fiz: vingar os meus irmãos.
"Ao povo exterminado eu disse: "em paz descança"
"Não muito tardará o dia da vingança!"
"Raiar de sol não houve e noite mais fugaz
"Que me isto da memoria uma só vez recuou.
"No emtanto tu a vida, a minha vida inteira,
"A vida que soffri para vingar-me á poeira
"Lanças do esquecimento. Um indio quando jura,
"Saibas que já divisa a morte a sepultura
"A acenar-lhe ao longe as vêr esfarrapada
"Do juramento seu a formula sagrada.
"Pulsa-me nervoso o peito e furioso arde...
"Não quero que o futuro o nome de covarde
"Alive sobre mim. Que eu seja antes proscripto,
"Como um judeu errante ou como um cão maldito!
Detive-se um instante. As lampadas do céo

Cançadas de velar agonizam. O véo
Da noite, lentamente, além esmaecia...
Desponta sorridente o precursor do dia.
Alegre a saltitar de um galho a outro galh
A passarada entôa o hymno do trabalho.
Quebrando esse concento encantador e bello
Toma o pagé: "Não mais viver! Sómente anhélo
"Que em me roubando a filha, o plano meu a me
"Estorvando alcançar, apenas uma setta
"Não recuses quebrar commigo, ó estrangeiro,
"E dou-te a primazia: Atoras tu primeiro!
"Pareceme valente e forte e é mistér
"Que não te mostres fraco á vista da mulh
"Que te consagra amor. Vamos! o arco entes
"Faz que elle no meu peito encontre sua pre
"Choras? És molle, és fraco, és vil, és podridão,
"És venue a rastejar immundo pelo chão.
"Tremes? És miasma, és lodo, és escremento e p
"Um mancebo chorar causa-me nojo e dó!
"Não te enrubesces, não? Eu mesmo me enverg
"De dizer cousas taes e tu, um ar tristonho
"Dissimulas e fraco e covarde e vil moço

"Soffres tudo como um cão que se lhe atira ossos.
"Por premio ao teu valor, ó infame aventureiro,
"Recebe o meu castigo e ás faces do estrangeiro
Um murro que uma fera ao pólo derrubára
Vibrou raivoso. Mal o som se dirigára
Nos meandros da floresta o javalli ferido
Estorce-se no chão, solta um longo gemido,
Depois o arco toma e a flecha, a flecha herdada,
Surdo á voz de Jurema, á voz de sua amada,
Despede contra o velho... E tal a pontaria,
Que a coisa mais ligeira a vida perderia!
A filha do pagé num salto livra o pae
Cambaleando no ar, se estorce, cria e cae.
O sangue em borbotões espirra, ferve, escorre...
Jurema os olhos cerra e agonisa e morre.
A flecha traspassara-a. O sol nesse momento
Surgia illuminando o azulado firmamento.

Campello, 28-12-920.

Partida

Tinha rompendo ao longe a madrugada
Era o dia fatal, o dia da partida.
A dôr que me assaltou na despedida
Sabe-o bem quem deixou a casa amada.

Pela primeira vez. Desci a escada...
Deixei-lhe num olhar parte da vida.
Minha mãe a chorar muito sentida
Olhou-me até sumir no pó da estrada.

Logo, sentei-me do caminho á borda
E como quem de longo somno accorda
Olhei em torno, tudo era bonança...

Sorria o vento á musica dos ninhos,
Cantavam festivaes os passarinhos
Um canticó sublime de esperança.

Niteroy, 31-3-922

Volta

Eis-me de volta ao meu solar antigo
Depois de longos, tenebrosos annos,
Passados a sonhar milhões de planos,
De um dia regressar ao tecto amigo!

A porta aberta eu vi... Disse commigo:
"Vou surprender lá dentro a mãe e os manos..."
Mas tudo era deserto! Em desenganos
Mudou-se-me a illusão, meu terno abrigo.

O tecto a desabar... o parque em calma...
Cinzas das coisas mortas, ruinas d'alma
A mim tal dôr poupae por caridade...

Tristes chorei como Jesus no Horto,
Alli, á vista do passado morto,
O pranto de dez annos de saudade.

Niteroi, 31-3-922

"Confidencias"

O traço caracteristico do meu caracter:
Meu traço predominante,
Meu particular esmero
É na vida a todo instante
No que digo ser sincero.

A minha paixão dominante:
Minha paixão dominante:
De Christo abraçado á cruz
Caminhar na frente ovante
Almas levando a Jesus.

A qualidade que prefiro no homem:
No homem além do valor,
Primacial qualidade,
Exijo que um reflector
Vivo seja de humildade.

A qualidade que prefiro na mulher:
Na mulher outras em numero:
Além de ser amorosa,
Seja humilde tambem quero,
Desprendida e virtuosa

A minha principal qualidade:
Qualidades? Quem me dera

Ter dellas grande condão!
Pois a natureza fera
Só meu deu bom coração.

× × ×

O meu principal defeito:

Em tantos defeitos conto
Que a resposta quasi ao lado
Deixei. Apenas aponto
Que sou mui desconfiado.

× × ×

A minha occupação favorita:

Occupação favorita!
Quem não havia de ter?
Aquella que mais me incita
E me estimula é a de ler.

× × ×

O meu sonho de felicidade:

A minha maior ventura
É fugir do mundo ao léo,
A alma levando pura
Para entrada ter no céo.

15°

Qual seria a minha maior desventura:

Minha maior desventura,
O meu dissabor supremo:
Ser atirado, oh! tortura,
Nas profundezas do inferno.

× × ×

O que eu quisera ser:

Aquillo que mais almejo,
E talvez melhor me quadre,
E' vêr cumprido o desejo
Que tenho de ser bom padre.

× × ×

O paiz onde eu quisera viver:

Em vão a memoria esvivo.
Nenhum paiz mais gentil
Encontro. Por isso vivo
Mesmo aqui pelo Brasil.

× × ×

A côr que eu prefiro:

A branca é a côr minha predilecta,
A que me encanta,
Por isso que á lembrança dos anjinhos

Meu ser levanta.

× × ×

As flôres que eu prefiro:
Não sei que flôr a minha phantasia
Prefere emfim,
Pois embebido horas inteiras fico
Ante um jardim.

× × ×

O animal que eu prefiro:
O animal de que mais gosto,
E hei de comprá-lo,
E' de um possante e ardoroso
E bom cavallo.

× × ×

Os meus escriptores predilectos:
A respeito de escriptores
Não sei mesmo o que affirmar;
Aprecio os bons auctores
Como Camillo e Alencar.

× × ×

Os meus poetas predilectos:
Os poetas que eu prefiro?

Não sei que nome destaque.
Entre todos mais admiro
Hugo, Musset e Bilac.

× × ×

Os musicos que eu prefiro
Não tenho predilecção
Para que um nome apresente,
Pelo que minha opinião
Deixo em branco e passo á frente.

× × ×

Quaes são os heroes que eu mais admiro:
O heroe que de tal nome é digno
É o de alma bôa,
O que do proprio cadafalso
O algoz perdôa.

× × ×

O que o meu paladar prefere:
A lista é grande e não sei
Si tudo no verso abranja.
Apenas mencionarei:
Jaboticaba e laranja.

× × ×

O que eu mais detesto:
O que mais abhorreço e tenho horror
É me enfastia
É vêr num laço a insensatez unida
Á hypocrisia.

× × ×

O sport que mais me attrae:
Dos sports que mais gosto,
(E sou uma torcida de escol)
É daquelles em que apósto:
Regatas e foot-ball.

× × ×

Como eu quizera morrer:
Oh! quem me dera uma agonia
Ao pé de uma cruz!
Tendo a fronte no collo de Maria
E o corpo sobre os braços de Jesus!

× × ×

Os erros que merecem minha indulgencia:
Os erros que mais merecem
O meu perdão
São aquelles praticados

Sem reflexão.

× × ×

A minha divisa:

A divisa que escolhi
E firme mantenho em pé
É esta que inscrevo aqui:
"Pela Pátria e pela fé."

O navegante

Sentado no barco errante,
Das ondas vogando ao léo,
Pensa o nauta a cada instante
Nas bellezas do seu céo.

As azas solta ao barquinho
Ao sopro da viração,
E o barco vai de manssinho
Mergulhando n'amplidão.

Sua alma — barca perdida
No lago do pensamento —
Vai voando sacudida
Nas azas do sentimento.

Bem longe a patria estancia,
Bem longe o lecto natal!
E o regato que colleia
Entre as moitas de junçal!

Bem longe a mãe já velhinha!

As mais caras affeições!
E o pobre nauta caminha
No mar das recordações.

Ao pallor fraco da lua,
Que pouco a pouco descóra,
Vai gemendo a magua sua
Ao surgir de cada aurora.

Em face da natureza,
Ao peso do seu destino,
Quer cantar sua tristeza
Mas não póde o peregrino.

Um dia passa e outro dia,
Uma hora passa e outra hora...
Mais lhe augmenta a nostalgia
E sentido o nauta chora.

Ai! ai! a brisa no entanto
Leva á patria do proscripto,
E as negras bagas de pranto

caem no seio do infinito.

Niterói - 4 - 4 - 922 -

Meu Brasil!

I

Oh! minha terra, oh! meu Brasil amado,
Perfumado berço em que accordei sorrindo
Aos beijos de Phebo que era então já nado
E enchia tudo de um prazer infindo,
Sendo tal o encanto que eu enthusiasmado
Murmurei baixinho: Como tudo é lindo!
Ao proscripto acolhe no teu seio materno,
Quando fôr chegando o tenebroso inverno.

II

Terra de meus paes, oh! meu jardim de flôres,
Urna de primores, encantado ninho,
Campo matizado das mais bellas côres,
Onde nasce o milho e onde medra o linho,
Onde cresce a rosa que desprende odores
E o casto lirio branco como arminho.
Meu Brasil, ampara nos teus altos braços
Este filho teu que traz os membros lassos.

III

Meu torrão natal, oh! meu luar de prata,
Verdejante balsa, lago resplendente,
Onde a lua doce e meiga se retrata,

Onde o sol espelha o rosto rubro, ardente,
Onde voga o barco ao som da haviata
E onde bebe a corça a agua transparente.
Oh! patria minha, oh! serbe-me de encosto,
Quando fôr sosinho via do sol-posto

IV

Oh! minha terra, oh! minha brisa mansa,
Meu florido bosque e lindo coqueiral,
Onde a natureza ostenta à sua pujança
E allia ao proprio o garbo oriental,
Onde bem occulto, sob a basta trança,
O canario canta o hymno matinal.
Patria! que refulge em pomos e pomares,
Balsamo offerece a todos meus pesares.

V

Oh! minha terra, oh! terra que diviso
A esplender augusta, bella e folgazã,
Quando o sol lhe beija as faces e lhe sorriso
Sae de cada flôr ao rocio da manhã,
Terra sem rival! Meu doce paraiso,
Onde não ha neve e não alveja a can,
És o meu consolo, o allivio do meu peito,

No meu somno eterno sê tu pois meu leito.

VI

Oh! Brasil querido, oh! céo de primavera,
Onde só poz riso o meigo Jehovah,
Onde o sol não morre e onde a aurora impera
Onde a Virgem desce quando o sabiá
Faz ouvir seu canto, que alegria gera,
E suspenso o rio não calleia já.
Dá-me o teu regaço, ó patria, feiticeiro
Quando fôr dormir o somno derradeiro.

VII

Oh! patria minha, oh! minha calma fonte,
Minhas messes loiras, onde á melodia
Dos trabalhadores, eu curvava a fronte
Para ouvir seu canto cheio de harmonia
Quando a luz raiava e a fimbria do horizonte
Se purpureava ao despontar do dia.
Oh! meu céo de estrella, acabara o meu caminho
Pois já sinto a morte e della me avisinho.

Niteroi, 6-4-922 -

Lucta intima

É alta noite. Uma tristeza enorme
Invade o quarto amortalhando tudo...
A voz do vento apenas, a meúdo,
Dizer-me vem que elle tambem não dorme.

Passeio os olhos: Tudo è morto e quêdo...
Nem um suspiro o atroz silencio corta.
Sómente a lua sonnolenta echorta
Os genios seculares do arvoredo.

Debalde a palpebra fechar em tento:
Vem-me uma idéa, vem-me um pensamento
Avassalar a mente, em abandono;

Emquanto dorme tudo em doce calma,
Lucta o meu corpo contra as forças d'alma
E em vão busco dormir, foge-me o somno.

Niterói - 10-4-922

Via Sacra

Segue Jesus, o meigo nazareno,
Por entre a multidão. O passo vario
Incapaz diz-se-ia de o Calvario
Alcançar por um ingreme terreno.

Caminha a malta em negocio pleno.
Christo vacilla ao peso extraordinario
Da cruz. Simão, o rude proletario,
Faz que o peso lhe seja mais ameno.

O meche esquecendo a propria dôr,
Ardendo em caridade, cheio de amor,
Olhou pereno a turba e alçou a voz,

Vendo as mulheres santas que o seguiam,
Em lagrimas desfeitas que corriam:
"Não choreis por mim, mas chorai por vós."

Niterói, 13-4-922.

Um espertalhão.

Se alguem de mim se abeira,
Os labios num riso abrindo,
Desconfio e vou gritando:
Há gaiola!

Eu sei lá se o camarada,
Com seu sorriso faceiro,
Vem me dar uma facada,
Avançar-me algum dinheiro?

Se vejo um jovem peluira,
Os braços pró mim alçando,
Desconfio e vou dizendo:
Há pasmado!

Eu sei lá se o tal sujeito,
Que apparenta ser bom moço,
Vem com fome a meu direito
Para filar-me um almoço?

Se no bonde um conhecido
Nem preciso me procurar,
Desconfio e vou bradando:
Toca a andar!

Eu sei lá se o tal amigo
Quer fazer camaradagem,
Para mim cavar comigo
O preciso da passagem?

Se recebo uma visita,
(Para mim coisa alarmante)
Desconfio e logo clamo:
Pisca avante!

Eu sei lá se a tal demora,
Todo o tempo que lhe apraza,
E fica o velho de escora
Fazendo as honras da casa?

Se alguem me reconhece
Ao entrar num restaurante,
Desconfio e logo digo:
Vou adiante!

Eu sei lá se, por descuido,
Senta o amigo ao meu travez?
Só no pensar sinto um fluido
Da cabeça até os pés!

Se um vendeiro à minha porta
Vem bater com voz canora,
Da cozinha mesmo eu grito:
Passa fóra!

Eu sei lá se o visitante
Um favor a mim impetra?
Ou quem sabe se o tratante
Quer que lhe endosse uma lettra?

Si um caixeiro quer falar-me
Logo em dia de serviço
Desconfio e vou dizendo:
Não vou nisso.

Eu sei lá si o mandrião,
Em quem meus olhos não prego,
Vem por esta occasião
Pedir que lhe arranje emprego!

Si um deputado me busca
Com carinho e amor tambem
Desconfio e logo brado:
Passe bem!

Eu sei lá si o manganão,
(No fogo minha mão não boto)
Quer dar-me pela eleição
Para si comingo um voto.

Nós, pensadores jacentes,
Que ouvis um jaculificante
Podeis vaiar-me gritando:
Puxa avante!

x Substituida

Mas enquanto neste trilho
Fujo das gentes velhacas,
Minha mãe tem mais um filho
E seu filho mais patacas.

Niterói, 20-4-922.

x Muita embora em viva guerra
Contra mim o mundo estale,
O dictado nunca erra:
"Quem muito tem muito vale".

Tres embaixadas

Eu vi em sonho tres anjinhos louros,
Vestes de setim,
De garços olhos, faces nacaradas,
Olhos da carmim.

Falavam, com certeza, em cousas lindas
Nos gozos do céo,
Não pude comprehendel-os, não obstante,
Todo o esforço meu.

Trescalava o ambiente em grata essencia,
De rosa à maneira,
Oh! quem me dera a sonhar assim passar
Minha vida inteira!

Adejavam febris sobre o meu corpo,
Azos a suflar,
Na anciedade de quem tem um segredo
Para revelar

+ + +

Do leito meu
Nm se abeirou,
Ao meu ouvido
Assim falou:

"Os filhos em prendo
"Dos paes ao casal,
"No mundo me chamam
"Amor filial."

"Eu sei que na festa
"Possuo um lugar
"Por isso aqui venho
"Agora o ocupar.

"Cortei longos campos,
"Voei sobre mares,
"Para ao vosso Bispo
"Trazer meus saudares.

Depois... bateu as azas brancas, brancas,
Pelo espaço infinito.

Oh! quem me dera ter constantemente
Num sonho assim lindo!

Mal se obumbrara
Na escuridão
De mim se acerca
A outra visão:

"Os homens ingratos
"Deploro, lamento
"É, pois, o meu nome:
"Reconhecimento"

"Por graças, affectos
"Mais zelo reparte;
"Na festa que fazes
"Vim pois tomar parte

"Uma outra embaixada
"Ajunta á que tens:
"Ao vosso Prelado
"Dae meus parabens.

Depois... moveu as azas brancas, brancas,
Num doce fremir
E a desapparecer vi-o nos ares,
A subir, subir.

Mal um trilhára
O seu caminho,
Assim falou-me
O outro anjinho:

"Eis que cumprir venho
"A minha missão.
"De mim não te esqueças,
"Sou a "gratidão."

"Como reconheces,
"Não posso dest'arte,
"Deixar de ora festa
"Tomar minha parte.

"Na terra o meu fado
"É prender corações,

Ao vosso Prelado
Minhas saudações

Depois... nuflou as asas brancas, brancas,
Pelo azul sem termo,
Deixando-me desconsolado e triste
Sobre o meu leito ermo.

Despertei-me. No céo se abria o manto
Das alvoradas
E exultei por ser eu, o mensageiro,
Das embaixadas.

Inda mais se avoluma, cresce, augmenta
Minha alegria,
Porque os anjos o corpo representam
Da Academia.

Niterói, 28-4-922

Dois roceiros.

Personagens Chico e Mané. Entram na sala juntamente e em tom amistoso, assim fala Mané ao seu compadre:

Chi! Cumpade ovi dizê
Num negoco munto raro,
Qui nu Rio vai havê
Nu tempo du centenaro!

Chico

Eu tombem cumo vancê,
Iguarmente ovi falá
Qui anda a guerê todo o povo
Intupí parte du má.

Mané

Isso mêmo! Eu já sabia,
Mas num posso comprendê
Cumo tantos aprobremas
Póde os home arresorvê.

Num sei si é mêmo veldade,
Mas dize que os allamão
Qué tombem pru centenaro

Construí seu pavião?

Chico

Não sómente os allamão
Seus pavião bello arranja,
Mas tombem os inguleis,
Otro povo lá da estranja

Toda as nação du niverso
Vai mandá suas baixada
Pra assim cum nós tomá parte
Nessa festa tão falada.

Mané

Nô trabaiá cum mais gosto
Pra mode í cum a famia
Desfrutá na occasião
Di todas essas fulia.

Nu becco tudo trabaia.
Já sabe cumigo é nove!
Mas dispois do centenaro
Vamo gozá di istromove.

Vancê, que é home sabido,
Faz favô de inspilicá
Cumé que corre ese bicho
Seu cavallo ou boi pucá?

Chico

A inspilicação é face,
Poê nella um pôco de tento:
Os ichomove só pra
Quando nelles bate o vento

Dahi, cumpade, o incontrá,
Quando n'ha vento que os move,
Nas praças pulga e avenida,
Um punhado de ichomove.

Manê

Mas ovi dizê tambem,
É pido inspilicação,
Num sôtros carro que corre
Pruma e ôtra direição.

Chico

Os tá carro chama bondi
E o bicho corre nos fio.

Mas in riba tá ligado
Pru um biguaço di fun fio.

Esse fio vai a unzina
Onde munta gente sua
Pra puxá os cujo carro,
Que entonce corre nas rua.

Manué

Mas vortemo a cuja festa
Si fala pru todo lado.
Vancê, cumpade, que é home
Nas lição bem ludumcado,

Que já tem visto cidade
De bonitas appareuça,
Me inspilica tudo claro,
Cum toda as circumferença.

Ao desapiá du treim
Que devo logo fazê?

Chico

Tomá logo um bom navilho

É ao quarté se arrecoiê.

Manué

Mas que coisa é o tá quarté
Faz favô di inspilicá?

Chico

O quarté é onde se drume
Di barriga para o á.

Dispois vancê se adirege
A todos que passa a bêra,
E fica tudo gostando
Das su' affabes maniêra.

Nôtro dia vai ao má
Tomá seu banho de aceio;
Aquillo num tem fundura
Pode intrá inté o meio.

Dispois ageita essas prancha
Nuns velo sapato usado,
E vai fazê a avenida
Cumo um quarqué dikutado.

178

Si fô as butina russa,
Cuja cô num seja ficha,
Um tustão paga o esgraxate
Quê logo crareia as bicha.

Ou infia nuns petrope
Cuno um gordo senadô,
E vai seu passeio
Lá na rua du Ovidô.

Mas, oia! munto cudado!
Coitella cus seus tustão!
Quê anda lá uns alarape,
Quê roba quê nem ladrão!

Passeio qui tombem quarda
E em nada os borso machuca,
É subí pra minhan cedo
No bondi du Pões di Assuca.

Vancê num deve di pé

Andá lá qui elles caçôa,
Mas amunta nus tá bondi,
Qui é coisa munto mais bôa!

Toda as veis qui o acondutô
Chega. Qui coisa mais pau!
É perciso o cavaiêro
Arranca dus niculau.

Vancê lá num deve andá
Cum pedaço di bambú
Pru bengala e nein ansim
Cum esse passo de aribú.

Pruquê o povo arreconhece
Todo o cabra qui é da roça,
E mêmo na nossa cara
Vem fazê da gente troça.

Mas, oia! munto cudado!
Nada de abobra e fêjão
Vancê pida nus café

Ou nas casa di pensão.

Sinão qui é logo matuto
Elles pensa. Intão num queixe!
Nesses dia a gente passa
Só a sóvos, carne e peixe.

Nesse tempo todo luxo,
Bõas petrope ieu destaco.
Qui sô cabra cá da roça
A ninguem vô dá meu fraco

Vancê discote em poliquitica,
Cumo os home di leitura,
Fala nas caimbra e senado
E tombem di litratura.

Diz qui o Bernade num droba,
Cumo se droba um cacete,
Qui o Nilo vai cumê broca
Pra chegá inté o Cattete;

Qui o menero é bicho caro,
Di burro brabo é pião,
Qui é capaz numa rastêra
Botá o Nilo nu chão.

Das gente da sucedade
Quondo tivé na persença,
Cumpade, toma cudado
Di os tratá só di insolença!

Tá bão, cumpade Manué,
Fu aqui, pru hoje, paro.
Desejo qué vancê goze
Lá nu Rio o carnavaro.

Manué

Eu queria incunvidá
Vancê pra grande fulia,
Pois tenho tinhô di erá
Sem a vossa cumpanhia.

Chico, em tom mais baixo e um tanto afastado de seu compadre, fala virado para o povo:

Meus sinhôs, qui estão aqui,
Nô cum franqueza falá,
Nunca fui na minha vida
Á Capitá Federá

A vancês somente digo,
Di conceuca pru descargo,
Nunca lá pisou os meu
Quarenta e dois bico largo.

Mas qu'importa? o nêgo é onça,
Num é cutuja na toca.
Já du Rio ôviu falá
Pru miares de cem bocca.

A occasião é importuna.
Num é perciso dinhêro.
Desta veis o cabra vai
Mêmo ao Rio de Janêro.

Depois se dirige ao companheiro, dizendo:

Paga vancê a passage
E disponha dum criado.

Manê, cumprimentando-o, diz:

Pois intonce inté Setembro,
Fica tudo cumbinado.

Depois do que sae.

Chico dirige-se entâo aos espectadores:

O cabra é limpo, curado!
O Rio? Cumigo é nove!
Desta veis o fio du veio
Vai muntá nus istromove.

Niteroy, 29-4-922

O coveiro.

Ao poeta e amigo Raeder.

Cabeça baixa como um condemnado,
Que depois ter perpetrado um crime infando
Segue caminho do carrasco ao mando,
Passava o pobre assim pelo povoado.

Á dôr alheia ha muito acostumado,
Já do pezar não sente o espinho quando
Vê alguem ao seu lado derramando
Lagrimas sobre o corpo de um finado.

Pouco e triste o pobrezinho desce
Á luz do sól da tarde que esmaece,
Mas coisa singular! — um peso brilha

Um pranto que a saudade lhe gerára,
Pois entre os muitos corpos que enterrára
Neste dia, enterrou a propria filha.

Niterói, 1-5-922

Excentricidades.

Mulher velha que, na moda,
Curtinha na perna a saia
Traz e a blusa decotada,
Ensaia.

Caixeiro que, no balcão,
A falar logo se mette
Em politica e sciencia,
Promette.

Homem velho que ao espelho
Vai mirar a formosura
Do rosto cheio de rugas,
Procura.

Menina que quer ser moça,
Tendo o porte de creança,
E apparenta ser vinda,
Avança

Poeta que só em louvores

Aos outros a lyra tanja,
Si não lhe beija a fortuna,
Arranja.

Menino, que bem creança
Se atira logo na lide
Do mundo, como homem feito,
Progride.

Homem, que ser jornalista
Diz e em vão trabalha, súa,
Para escrever um artigo,
Annúa.

Moça velha, que só deita
Para gente olhar de lado,
Sendo no rosto uma santa,
Cuidado!

Lavrador que se intromette,
Passando a vida na face,
A falar do que não sabe,
Da coice.

Niteroi, 2-5-922.

Indice

	Paginas
Meu livro	1
A meu pae	2
A minha mãe	3
Ser poeta	5
Adeus	8
Solidão	10
A minha mana Dóca	12
O sino	15
Eu amo as horas da noite...	17
Quando eu morrer...	19
Minha terra	21
O canario	24
Saudade	27
A vida	29
A rosa e o colibri	30
A...	32
Jesus no Calvario	35
S. João Baptista	36
O passaro	37
O monge	38
A J. R...	39

188

Paginas

A Franklin Almeida 40
Visão 41
Deus 42
A lua do sertão 45
A meninada 48
Perdão, Senhor 50
O cegiarinho 52
Só 55
O mentiroso 58
Jesus! 62
Hymno escolar 64
Soneto 66
Hymno seminaristico 67
A voz do vento 70
Virgem Maria 72
Circulo vicioso 73
Saudações 75
Rosa ou Irene? 78
Rosa branca 80
Á Morte 82
Perdão, meu Deus 83
Sursum corda 85

Paginas

Virgem Maria 88
O Zé Bigalho 91
Ao Revm Pe Gentil 93
Ao 94
Tá bom, deixa 95
A yára 97
Bemvindo sejaes! 101
As pombas e os ponhos 103
Nascer, viver, morrer 104
A D. S... L... 105
Vida e morte 106
Obrar bem e obrar mal 108
Visita do medico 111
Si eu tenho de morrer 118
Á margem de um rio 121
Morrer! Morrer! 123
As estrellas 126
Bemdito e louvado seja 127
Epistola 129
O insecto alado 134
O pinto (traducção) 135
Poemeto 138

Paginas

Partida 146
Volta 147
"Confidencias" 148
O navegante 155
Meu Brasil! 158
Lucta intima 161
Via sacra 162
Um espertalhão 163
Tres embaixadas 168
Dois roceiros 173
O coveiro 184
Excentricidades 185

Fim.